

Todos os textos presentes nesta antologia são de autoria dos alunos do 8º ano do Colégio Militar de São Paulo (CMSP).

São fruto da prática textual supervisionada em sala, o que envolveu oficinas de criação, etapas de revisão, interações em grupo e leituras compartilhadas.

Nesta jornada, esses jovens enfrentaram o desafio de toda crônica – refletir sobre o cotidiano –, cientes de que desse cotidiano muito pode ser revelado: sobre a vida, sobre a sociedade, sobre cada um de nós.

Aventurar-se no terreno das crônicas é atravessar experiências do “cotidiano banal” capturadas pelo cronista, este observador que narra como quem afirma haver sempre uma forma sensível e genuína de se olhar o mundo.

Nesta primeira “Antologia de Crônicas” do Colégio Militar de São Paulo (CMSP), você divide essa travessia com os alunos-autores do 8º ano que, ao contarem suas histórias, refletem sobre os valores de si e da sociedade.

São variados os temas abordados. A amizade franca de duas mulheres que não guardam qualquer segredo. Um jogo de xadrez como metáfora de cada “jogada” da vida. A busca de propósito convertendo-se na vida em si mesma. Uma “guerra de amoras” em que as marcas na roupa marcam também os corações de alegria.

O olhar e a escrita desses jovens confrontam ainda as contradições sociais, as limitações físicas e intelectuais, diante do ilimitado poder da diferença, além da dor e da superação nas situações de doença e morte. Que você, leitor, se aventure nessa jornada pela qual a vida sempre se reafirma em sua força.



Perfil do Colégio
Militar de São Paulo



ANTOLOGIA DE CRÔNICAS | COLÉGIO MILITAR DE SÃO PAULO



ANTOLOGIA DE CRÔNICAS

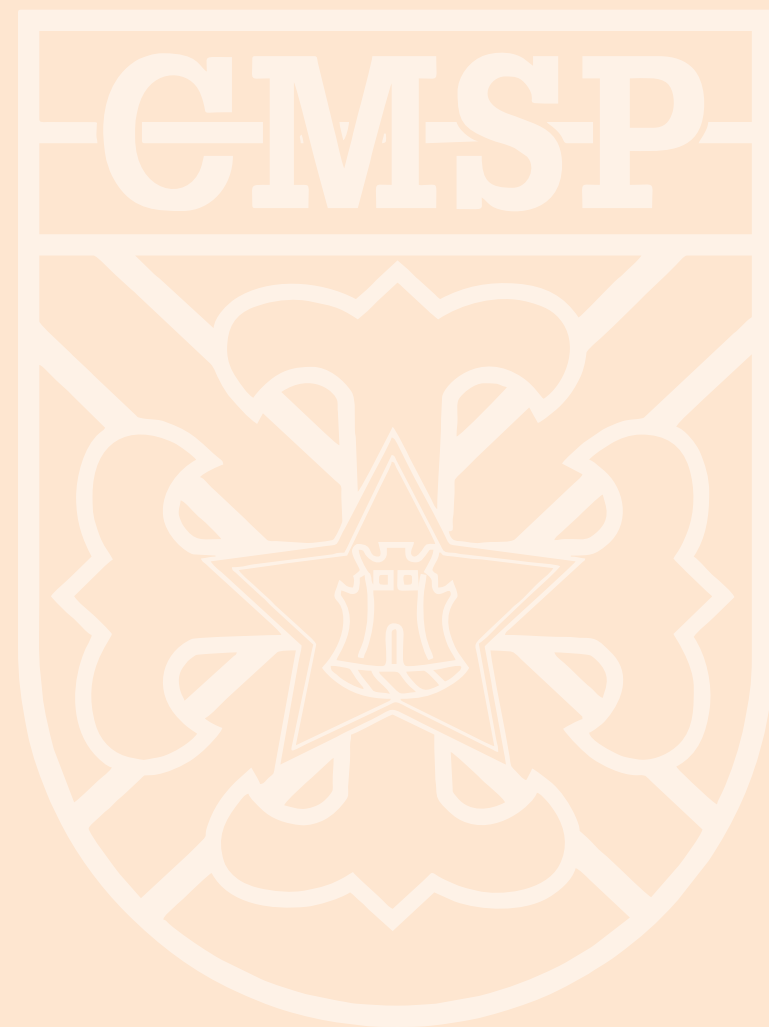
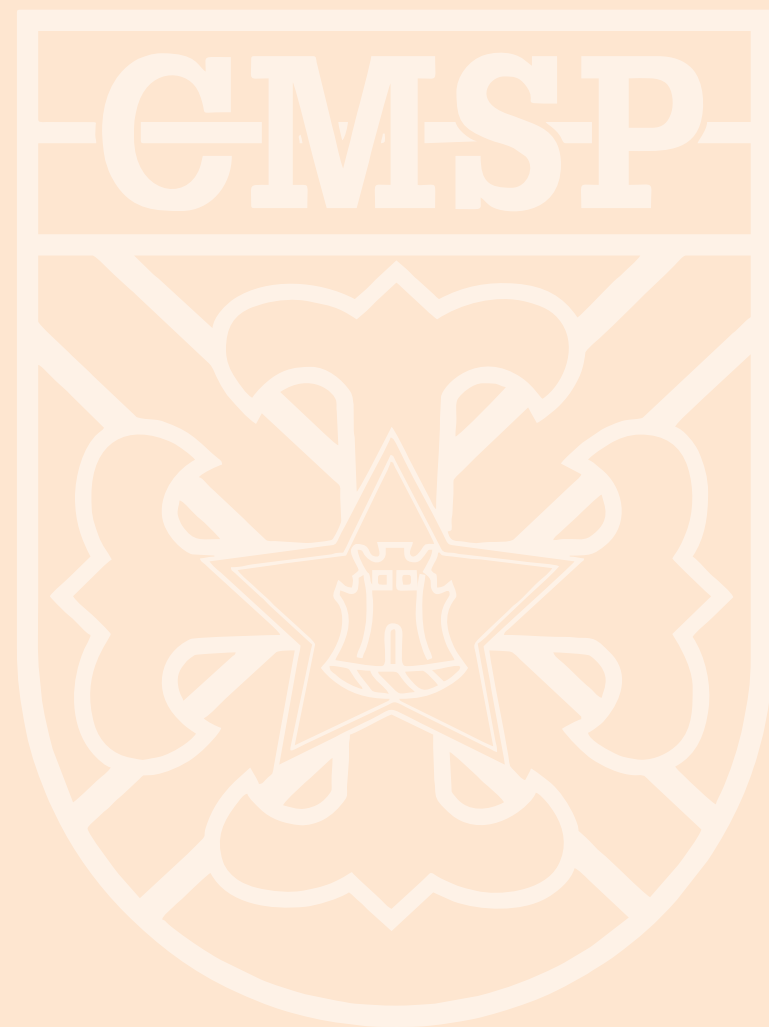
COLÉGIO MILITAR DE SÃO PAULO



O que a rotina, a cena da esquina, os cenários mais comuns e familiares podem carregar de especiais, de originais?

A questão aponta para o compromisso do cronista: atravessar a experiência do cotidiano com olhar atento, reflexivo, poético – e compartilhá-lo com o leitor.

A crônica é, assim, exercício de sensibilidade e de construção de sentidos sobre cada movimento a nossa volta, ou dentro de nós.



ANTOLOGIA DE CRÔNICAS

Comandante do CPOR/CMSP e Diretor de Ensino do CMSP

Cel MAURÍCIO Vieira Gama

Subcomandante do CPOR/CMSP

Cel Marcelo Augusto do AMARAL PEIXOTO

Chefe da Divisão de Ensino do CMSP

Cel MAURÍCIO Rogério Rodrigues Araújo

Supervisor escolar do CMSP

Cel R1 Julio CESAR Gomes

Cel R1 Igor Sidhartha BOECHAT

Coordenadora Geral de Disciplina (CGD) de Língua Portuguesa

Ten Cel JANAÍNA Dias de Sousa

Professores-orientadores de Língua Portuguesa

2° Ten Guilherme SARDAS

2° Ten NÁGELA Thallyta Henrique Maria Gomes

2° Ten DANIELI Barbosa da Silva

COLÉGIO MILITAR DE SÃO PAULO

ANTOLOGIA DE CRÔNICAS

ANTOLOGIA DE CRÔNICAS
Copyright© 2022 Vários autores

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(a) autor(a), proprietário(a) do Direito Autoral.

Editora-chefe: Luiza Moreira

Revisão: 2º Ten Guilherme SARDAS

Resp. setor Diagramação: Ana Vieira

Resp. setor Arte de Capa: Décio Lopes

Ilustração de Capa: 2º Ten NÁGELA Thallyta Henrique Maria Gomes

Imagem: Image by callmetak on Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angelica Ilacqua CRB-8/7057

Antologia de crônicas / Colégio Militar de São Paulo. - São Paulo : Delicatta, 2022.
88 p. il., color.

ISBN 978-85-8421-184-5

1. Crônicas brasileiras I. Colégio Militar de São Paulo

22-4423

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras

Editora Delicatta

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3459-4207

Site: www.editoradelicatta.com.br

WhatsApp: (11) 9999 14 607

E-mail: delicatta@terra.com.br

APRESENTAÇÃO

Na rotina escolar, a prática textual supervisionada é um instrumento fundamental para a consolidação da aprendizagem da língua, sob vários aspectos: da incorporação, em discurso, das regras gramaticais, do exercício crítico dos gêneros textuais e, sobretudo, do amadurecimento do estudante como planejador e criador dos mais variados discursos, em suas infinitas possibilidades de sentido.

É o momento em que o aluno se coloca à prova na desafiadora tarefa de comunicar o que pretende. “Como me sairei ao transpor, em palavras, minhas percepções do real, os frutos da minha imaginação, as ideias e sentimentos que trago, os jogos de linguagem que produzo ou que acredito poder construir?”

Durante o primeiro trimestre de 2022, as turmas de 8º ano do Colégio Militar de São Paulo (CMSP) fizeram uma imersão no gênero textual crônica, estudando suas bases conceituais e explorando possibilidades por meio da leitura e interpretação de alguns dos mestres brasileiros do gênero. Nas oficinas de escrita, esboçaram ideias de textos, redigiram, exercitaram o olhar crítico sobre seus próprios textos e dos colegas e, com a ajuda dos professores, revisaram e produziram novas versões de seus textos. Enfim, receberam e aceitaram o convite de investigarem seus cotidianos – a matéria-prima de toda crônica –, como terrenos férteis de reflexões, de conhecimento, de sabedoria, de poesia... Vale ressaltar ainda que desbravar o mundo da crônica nessa série escolar é uma instigante forma de introduzir o aluno do ensino fundamental no exame da literatura e da linguagem

poética, e no exercício de narrar, descrever, opinar, enfim, de ampliar seus recursos de comunicação verbal.

Ao final, todos os textos foram publicados na plataforma online *Padlet*. Dessa totalidade, os professores de Língua Portuguesa selecionaram os textos desta antologia, tendo em vista a adequação às características do gênero e a evolução da escrita do aluno, de forma que a compilação sirva de referência de crônicas autorais dos alunos, para seus próprios pares. Convidamos todos a conhecerem a integralidade desses textos no endereço **<https://padlet.com/ofilp>**

Como parte de um exercício interdisciplinar, no âmbito das linguagens verbal e visual, os discentes do 8º ano também foram convidados a ilustrar seus próprios textos, aqui compilados, durante as aulas de Artes, gerando um instigante quadro verbo-visual das ideias e sensibilidades desses alunos.

Tenha uma ótima leitura!

Professores-orientadores de Língua Portuguesa



2º Ten Guilherme SARDAS



2º Ten NÁGELA Thallyta
Henrique Maria Gomes

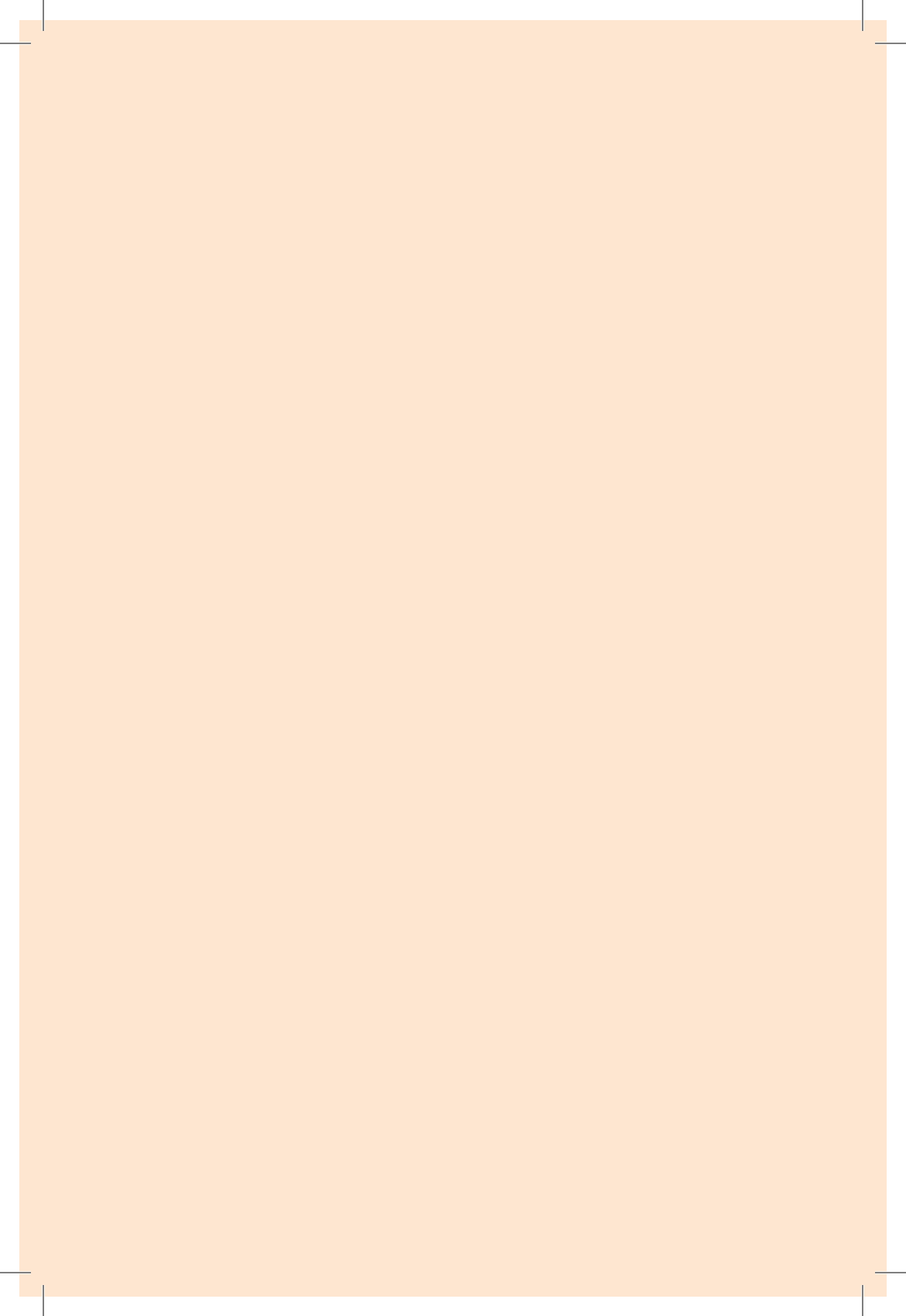


2º Ten DANIELI Barbosa
da Silva

NOSSOS AUTORES



8º ANO (2022)





Al Ana Beatriz



Al Auricchio



Al Beatriz Arruda



Al C. Victor



Al Daniel



Al Daniella



Al De Mello



Al Eduarda



Al Ester Costa



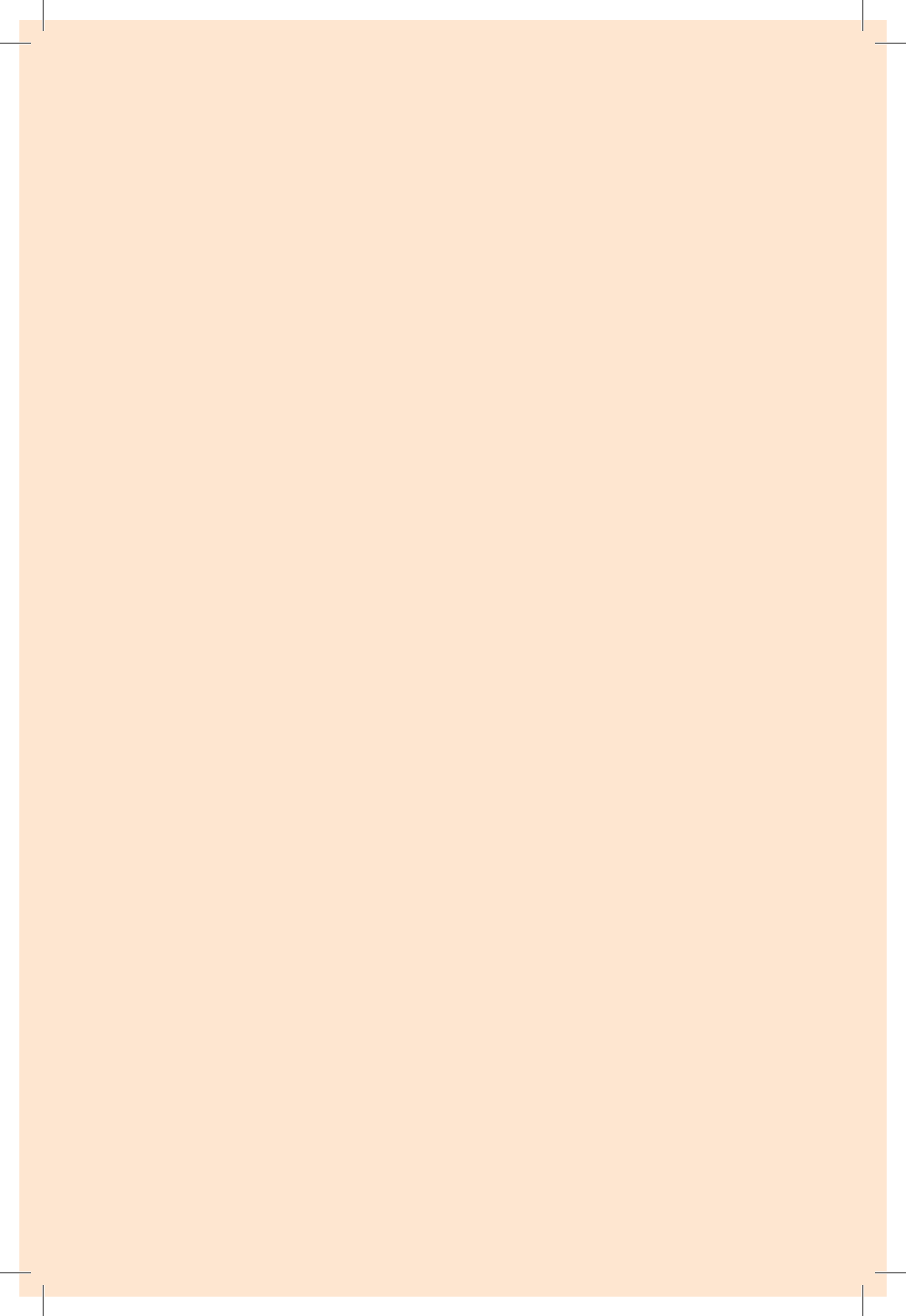
Al Fagundes



Al Faloppa



Al Hancio





Al Hertton



Al Igor Garcia



Al Julia Eher



Al Kudlovics



Al Kyara



Al Letícia Helena



Al Linhares



Al Lins



Al Luís Fabiano



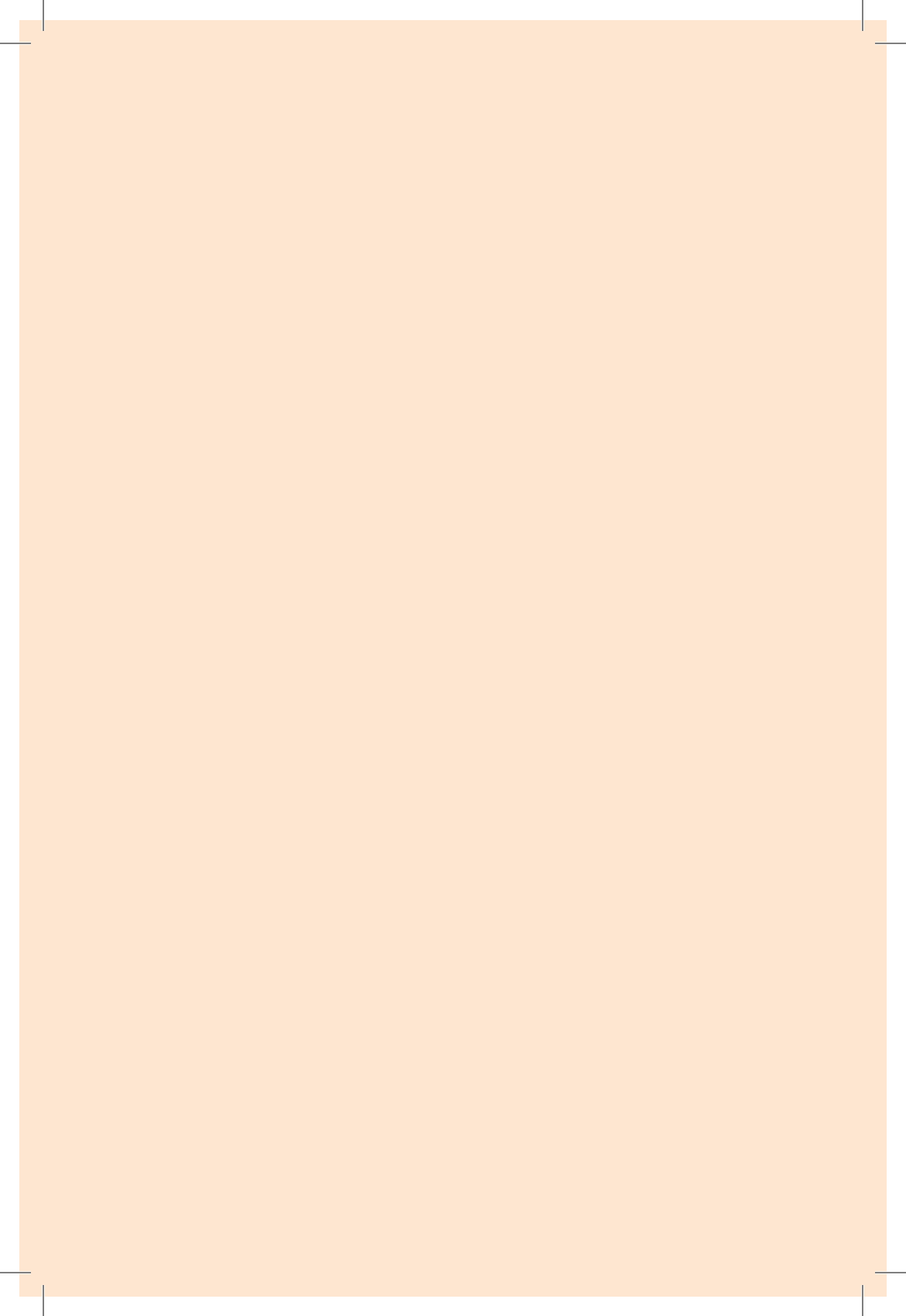
Al Luísa



Al Luiza Souza



Al Maria Clara





Al Marin



Al Muniz



Al Paffetti



Al Pâmela



Al Pedro



Al Rafael Godoy



Al Rhaíssa Werner



Al Salles



Al Sarah Moura



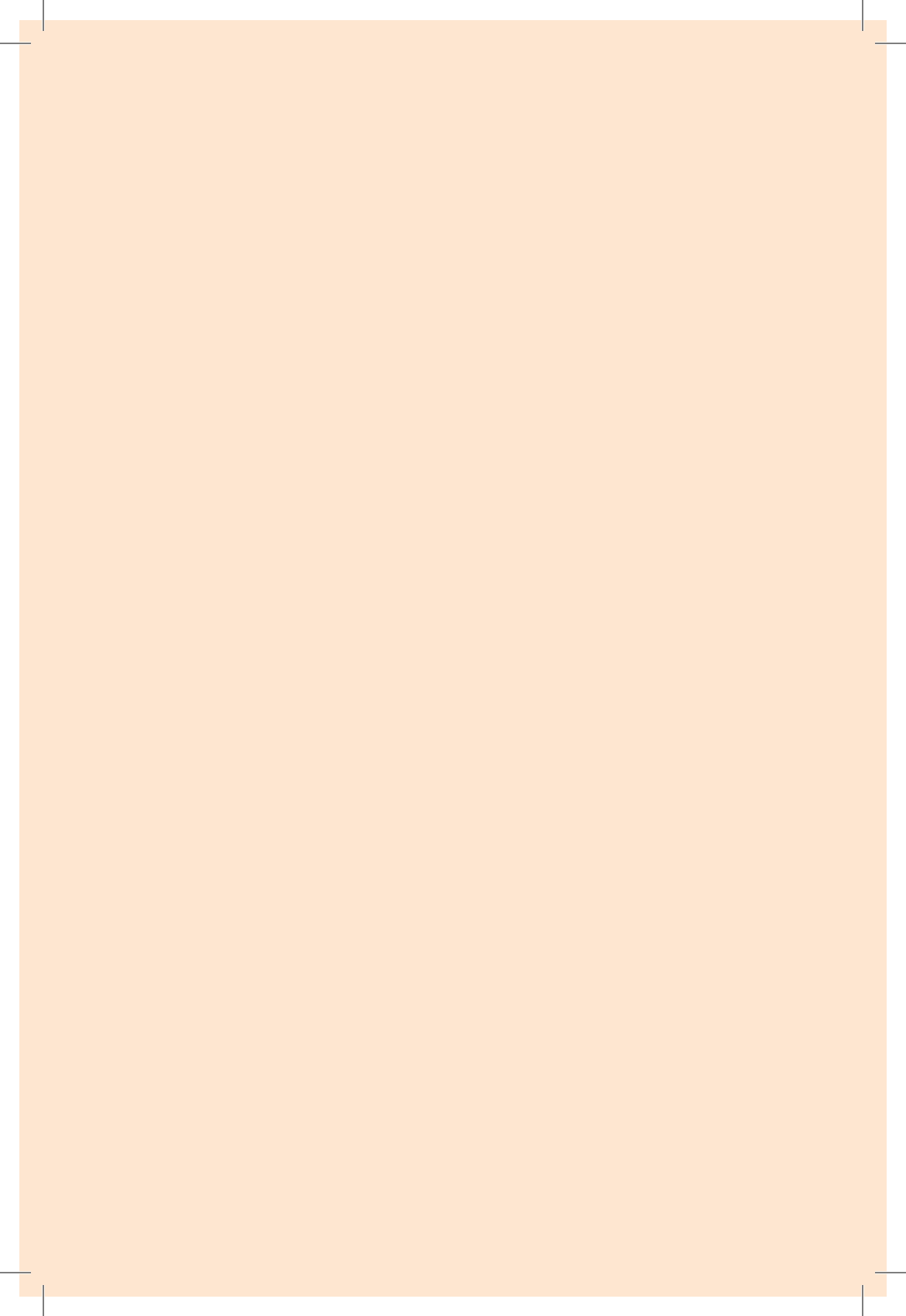
Al Secundo



Al Triani



Al Yasmim Garcia



SUMÁRIO

I – MAIS QUE INSTANTES.....	17
Al LUÍSA Medeiros Siebra Paes Barreto	19
Al LUIZA de SOUZA Rodrigues	22
Al Manuella SALLES Ferreirinha Tristão	24
Al PAMELA Henrique Katzenstein	26
Al BEATRIZ ARRUDA de Oliveira Vieira	28
Al Anna AURICCHIO.....	30
Al JULIA EHER Oei Domingues	31
Al Maria ESTER COSTA Lima Esteves Lourenço	32
Al Daniel Breithaupt FALOPPA	34
Al DANIEL Vitor Almeida.....	35
Al José Roberto Azevedo Homem DE MELLO Neto.....	37
Al Beatriz Silva MUNIZ	39
Al Miguel Rodrigues HANCIO	41
Al RHAÍSSA Lima WERNER.....	43
Al IGOR GARCIA Ferreira Fortes	44
Al Bruno de Paula TRIANI.....	45
Al LUÍS FABIANO Alleva Silva.....	46
 II – FRATURAS SOCIAIS.....	 47
Al RAFAEL Leandro de GODOY	49
Al ANA BEATRIZ Cruz Galhardo.....	50
Al Vinícius C. Gonçalo VICTOR.....	52
Al MARIA CLARA Bonato Marquez	54
Al LETÍCIA HELENA Pereira de Lima.....	56
Al Eros Oliveira FAGUNDES da Silva.....	58
Al Jorge Miguel KUDLOVICS.....	59
Al Maria EDUARDA Barros Ortenzia	60
Al HERTON Pinto Souza Filho.....	62

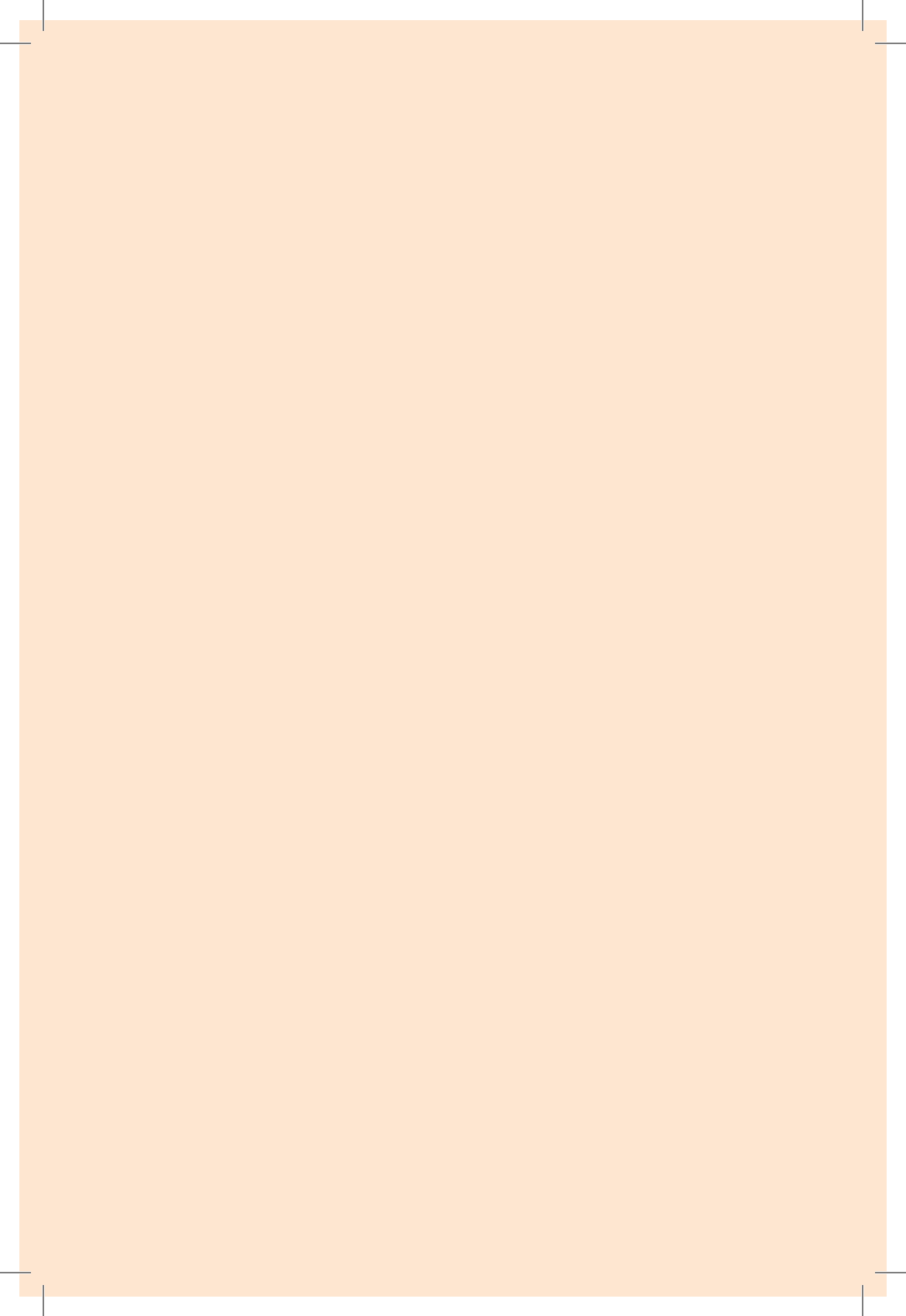
III – ILIMITADOS, COMO POUCOS	63
Al Rafael PAFFETTI Lima	65
Al KYARA de Lima Costa	67
Al YASMIM GARCIA de Matos.....	69
Al Maria Clara Ferrari Dutton LINHARES	71
IV – A FORÇA DA VIDA	73
Al PEDRO Henrique Moriani Lopes	75
Al SARAH MOURA de Souza Nóbrega.....	77
Al Richard Henrique LINS Santos	79
V – ROTINAS INVENTADAS.....	81
Al Paolla Beatriz SECUNDO Pontes Damasceno.....	83
Al DANIELLA Campolino Vieira Silva.....	85
Al Daniel Borges MARIN	87

I



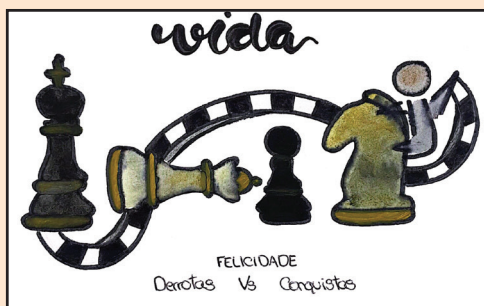
MAIS
QUE
INSTANTES

*Uma dançarina na praça, uma torneira quebrada, uma
mancha na blusa... A partir de pequenos instantes,
o cronista contempla o sentido da vida.*



JOGO DA VIDA

AL LUÍSA Medeiros Siebra Paes Barreto



No meio de uma pequena praça em frente de casa, em um fim de tarde estranhamente parecido com os outros, com uma atmosfera de solidão e tédio pairando no ar, um casal de idosos fixava seus olhos cansados sobre um tabuleiro de madeira já desgastado. Mesmo voltados para seus próprios pensamentos, os dois se entreolhavam cautelosamente, dando a entender que tinham a mesma ideia em mente. Eu sabia que aquilo não se tratava apenas de xadrez, e uma coisa era clara para qualquer cidadão: ambos não estavam ali pensando em vencer. Havia algo escondido por trás de seus espíritos pouco competitivos. A leveza que os rodeava era tanta que não pude deixar de observar.

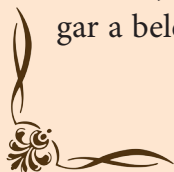
Tratava-se da vida. Era esse o objetivo daqueles idosos: buscar compreendê-la. Mas o que em específico? Talvez, os problemas pessoais que tinham. Talvez, respostas para perguntas difíceis. Talvez, algo relacionado ao amor. Ou, ainda, sobre um dos maiores sentimentos humanos, chamado “felicidade”. Buscavam a felicidade pura, aquela que está nas

pequenas coisas, ao nosso redor, às vezes imperceptíveis. Para aqueles senhores, nem a qualidade do tabuleiro, nem a do lugar onde estavam, importavam, pois o foco era apenas refletir sobre o valor das poucas peças restantes nos quadradinhos preto e branco. O casal considerava o jogo uma forma de ver o outro lado da vida, de atentar para o essencial e para as possíveis jogadas durante a jornada em busca de um sorriso leal.

Cada movimento tinha seu significado: dar xeque era uma forma de mostrar para o oponente que ele nunca deve desistir, mesmo em uma “saia justa”; capturar uma peça era mostrar que nem todas as coisas continuam conosco, mas podemos lutar para reconquistá-las; e ganhar uma peça mostrava que coisas novas nos aparecem, às vezes, são coisas boas. E, diferente de qualquer enxadrista profissional quando falha, o mais importante: perder significava o antônimo de “fracasso”, era, na verdade, uma maneira de continuar tentando e aprender com os erros.

Depois do longo tempo que durou a partida, levantaram-se e, com os olhos mais sinceros que haviam visto, cumprimentaram-se e sorriram um para o outro, de modo a dizer que a partir dali valorizarão mais o simples que possuem e viverão como se estivessem naquele tabuleiro: vendo a vida com outros olhos, enfrentando os desafios, encarando as perdas, prezando pelas coisas boas e estando sempre felizes com as peças que possuem em mãos, por mais que sejam pequenas.

Bem naquela parte do mundo, onde a beleza estava escondida, deitados desconfortavelmente em uma grama sórdida, o casal aprendia, acima de tudo, a como enxergar a beleza de suas vidas. Poderia alguém mais ter visto o





mesmo que meus olhos frágeis alcançaram? Sim, mas metade da população está concentrada em seus bens materiais e no dinheiro que tem, quando a mais pura das verdades é que isso não vem com a felicidade, mas está nas pequenas coisas, como nos jogos de xadrez em uma praça corriqueira. E, saber que ninguém se importa com atos bonitos, simples e simbólicos como este, caro leitor, é muito triste. Nada poderia comprar meu sorriso genuíno vendo aquela partida inesquecível, aquela que me fez lembrar de que as coisas mais simples da minha vida, como aquele fim de tarde, significam muito mais que um dia no shopping.

O ANIVERSÁRIO

Al LUIZA de SOUZA Rodrigues

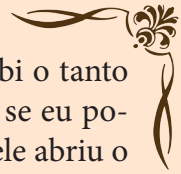


Era meu aniversário e, em todos eles, eu e minha família saíamos para comemorar. Chegamos cedo ao local do evento para aguardar os convidados. Um a um, foram chegando.

Primeiro, chegou uma tia – que eu me lembre, nunca vi na vida –, mas passou a noite inteira dizendo que me pegou no colo. Depois, chegou meu primo, que sempre diz que esqueceu o presente e que depois me entregaria, porém, jamais recebi nenhum deles. Em todos os aniversários, o meu tio contava a mesma piada sem graça – ríamos por pena. A minha avó, coitada, sempre chegava atrasada porque se perdia e colocava a culpa no meu avô...

A festa ia rolando e tudo andava bem. Chegou a hora mais esperada: os parabéns! Amo este momento, porque adoro comer bolo e poder pegar o maior pedaço. No meio de todo o festejo, percebi, do lado de fora do restaurante, um menino por volta de sete anos de idade, que estava com uma imensa cara de fome. Não parei de pensar nele pelo resto da noite.





A festa acabou e todos foram embora. Percebi o tanto de comida que havia sobrado. Pedi à minha mãe se eu poderia dar uma parte para o menino. Entreguei, e ele abriu o sorriso mais lindo que já havia visto. De todos os presentes que havia recebido naquela noite, com certeza, esse sorriso foi o melhor.

RELAÇÕES PARA O TÚMULO

Al Manuella SALLES Ferreirinha Tristão

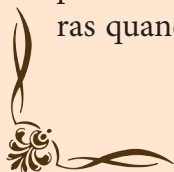


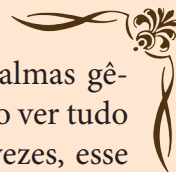
Duas velhinhas em um parque conversavam com um grupo de mulheres que aparentavam ter seus 40 anos. Contavam suas histórias, davam risadas e falavam sobre o passado.

Viviam no campo e se conheceram por meio de seus pais, que faziam negócios. Tornaram-se melhores amigas, viajavam juntas, iam à escola juntas, jantavam, aventura-vam-se e, apesar de algumas dificuldades, permaneceram sempre uma ao lado da outra.

Casaram-se após a faculdade, moraram em casas vizinhas, suas filhas nasceram, seus netos também, e estavam lá, firmes, em cada fase da vida. Contavam sempre a história de como conheceram seus amores na época de escola e todos os problemas enfrentados na época.

Pareciam inseparáveis e realmente eram. Conversavam por olhares, falavam pelos cotovelos, morriam de rir. Sinceramente quando diziam “sim” e “não”, acreditavam que, mesmo





separadas, a amizade continuaria intacta. Eram almas gêmeas. Não havia sequer um segredo entre elas e, ao ver tudo isso, percebo que tudo é momentâneo, mas, às vezes, esse “momento” te acompanha para toda a vida. É importante a confiança, talvez, e ao terminarem de ouvir tudo, elas perceberam que, desde cedo, foram agraciadas com uma relação digna de se levar para o túmulo.

E tinham o costume de falar: “Para alguns, doamos lealdade e recebemos mágoas, já para outros, damos confiança e recebemos uma vida melhor”. Amigos são para situações boas e ruins, partilham da felicidade e da tristeza. Por isso, é importante ter alguém para te tirar da angústia e te trazer alívio.

PROPÓSITO

Al PAMELA Henrique Katzenstein

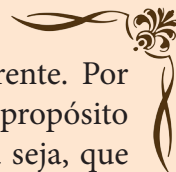


Muitas pessoas acreditam que alguém que não tem um propósito claro está perdido na vida, sem rumo, caminhando no escuro. Digo que elas estão erradas. Sim, eu, que defendia encontrar um sentido para tudo na vida, comecei a questionar meu próprio propósito. Afinal, é para isso que vivemos. Ou não.

Eu era uma dessas pessoas frustradas por não saber qual o meu propósito. Sentia-me mal, acreditando que estava apenas sobrevivendo a cada dia. “Você precisa de um propósito para ser feliz” – essa frase sempre repetia na minha cabeça. Sempre tive uma paixão por arte, toda vez que chegava em casa, pegava meu pincel e começava a pintar quadro atrás de quadro. Acreditei que devia largar tudo para fazer o que amo, achando que minha vida ia fazer sentido.

Todo dia, a mesma coisa, entra dia e sai dia. Minha rotina era sempre a mesma. Depois de muito tempo, comecei a trabalhar com arte, acreditei que meu sonho tinha sido realizado. Mas, esperava algo mais grandioso. Cumpri meu





propósito, mas não me sentia satisfeita ou diferente. Por isso, eu digo: não há necessidade de romantizar o propósito de vida, como se fosse algo a ser encontrado, ou seja, que para se ter uma vida plena e feliz, com significado, devemos encontrar um sentido para tudo.

Competência é mais importante que paixão. Nem sempre vamos fazer o que amamos todos os dias. Muitas vezes, temos que fazer o que não gostamos para um dia fazer o que queremos e gostamos. O sentido da vida é ela em si, é o dia a dia, viver o aqui e agora da melhor forma possível. Quando tenho a oportunidade, sempre tento experimentar algo diferente. Dou valor a cada momento pelo qual passo.

A VIDA ANTES DA MORTE

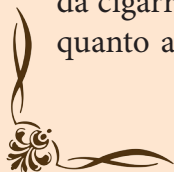
AI BEATRIZ ARRUDA de Oliveira Vieira

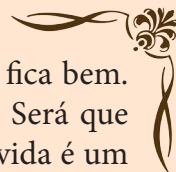


Já era final de tarde. Eu estava no meu quarto estudando. O assunto era tedioso e desinteressante, e o canto dos pássaros tiravam toda a minha atenção. Exausta, fechei meu livro e levantei, retirando-me para a área externa. O dia estava lindo e com bastante ventania, apesar de estarmos no verão do Rio de Janeiro.

Fui brincar com a minha gata, que estava saboreando sua ração de salmão, sua predileta. Brincamos de tudo e um pouco mais. Sentei-me para recuperar o fôlego, com ela junto ao meu colo, acariciando seu pelo macio como uma flor de algodão.

Enquanto estava sentada, sujeitei-me a pensar sobre como a vida é curta. Momentos como esses me fazem refletir o quanto que eu queria que a vida fosse assim: leve. Sem exageros ou frustrações, apenas eu sendo como sou, apenas eu sendo como uma criança. Comparo-a com aquela fábula da cigarra e a formiga. A cigarra aproveitando o verão, enquanto a formiga trabalhava que nem uma condenada. O





final já sabemos: a cigarra se dá mal e a formiga fica bem. Mas, será que a cigarra estava tão errada assim? Será que ela ter se divertido e aproveitado foi um erro? A vida é um sopro. Nunca se sabe se você vai estar aqui amanhã. Todas as saídas e festas recusadas para estudar terão sido em vão.

Fico pensando: me matar de estudar, entrar numa faculdade, formar-me depois de anos de luta, conseguir um emprego onde tenho que trabalhar 8 horas por dia, casar, ter filhos, ter a mesma rotina todo santo dia... De que adianta isso?

Se for entre ter essa vida “perfeita” ou ter uma vida “imperfeita”, mas que eu esteja feliz, fazendo o que eu goste e queira, eu escolho a segunda opção.

Ou, talvez, eu só esteja pensando demais, sei lá.

AMORA

Al Anna AURICCHIO

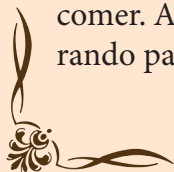


Eu e meus amigos sempre vamos a uma Vila Militar perto da minha escola, e toda vez que vamos algo acontece, e eu e minha amiga Luísa sempre rimos disso. Lá, há várias amoreiras. Nós adoramos pegar as amoras, jogar para o alto e tentar pegar com a boca, como em um show de talentos.

Em uma dessas tentativas, Luísa jogou a amora, mas não conseguiu pegar com a boca, porém, a amora fez uma bela arte em sua blusa. Rimos muito e começamos a correr uns atrás dos outros com a mão suja de amora para sujar a roupa de todos. Voltei para casa muito satisfeita de amoras e com várias marcas, algumas em minha roupa e outras, em minha vida.

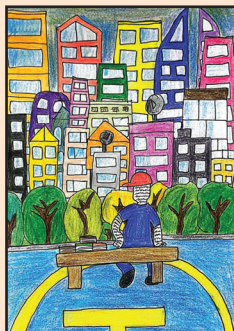
Momentos são como amoras, sejam bons ou ruins, eles nos marcam, e na vida já nos sujamos com muitas amoras, mas elas nos fazem ser quem somos e nos fazem pessoas melhores.

Quando encontrar uma amoreira, não ignore, pegue e saboreie as amoras, como se fosse a última comida que fosse comer. A vida é como uma amoreira, cheia de amoras esperando para serem colhidas, saboreadas e vivenciadas.



UM DIA NO PARQUE

Al JULIA EHER Oei Domingues



Era uma manhã de primavera no parque central da minha cidade. O céu estava lindo, o sol aquecia os corpos das pessoas que por ali passavam, as flores refletiam cores das mais diversas, namorados e amigos sentavam na grama para conversar ou ler um livro, crianças faziam piquenique numa toalha estendida ao sol, até os cachorros que passeavam por lá com seus donos pareciam admirar tamanha beleza daquele dia no parque.

Nem o barulho das buzinas dos carros que passavam nas ruas laterais, nem a sombra que os altos prédios ao redor faziam no parque, eram capazes de desviar a atenção das pessoas ali presentes das belezas daquele dia. Acho que eu ficaria ali naquele parque o resto do meu dia parada admirando tudo como uma bela pintura em movimento.

Muitas pessoas nesse mundo passam toda a vida correndo atrás da felicidade, trabalhando demais, achando que o dinheiro pode trazê-la, sem tempo para suas famílias e amigos. Será que um dia a encontrarão? Espero que sim, mas acho que, se eles estivessem naquele dia no parque, saberiam exatamente onde a encontrar.

DANÇA NA PRAÇA

Al Maria ESTER COSTA Lima Esteves Lourenço



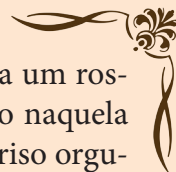
Era mais uma tarde de Outono. Estava a caminho do trabalho. Andava pela rua desanimado e cansado de caminhar. Queria apenas deitar na minha cama macia como um gato.

Virei a rua mais próxima à direita e avistei uma linda moça no centro da praça. Ela tinha cabelos cor de fogo. Era esbelta, elegante. Em meio à multidão, dançava graciosamente.

Seus movimentos eram leves como se fosse guiada pelo vento. As folhas rodavam e bailavam junto a ela. Uma coisa linda de se ver. As pessoas em volta admiravam a dança. De longe também parei para assisti-la.

Ao lado da moça, havia uma cesta no chão. Havia alguns trocados nela. Muitas pessoas ajudavam com umas moedas, outras apenas olhavam o baile e saíam. Vinte minutos mais tarde, por volta das 18 horas, após muitas melodias, a bailarina arrumou suas coisas para ir embora.





Vi a mulher olhando a cesta. Pensei que veria um rosto desapontado com as migalhas que tinha ganho naquela tarde. Mas fiquei surpreso ao ver um delicado sorriso orgulhoso. Aproxime-me e perguntei-lhe a razão da felicidade. A dama disse que, apesar de pouco, havia ganho algo pelo esforço do trabalho, que não valia a pena continuar sua jornada cabisbaixa. Ao ouvir essas palavras, continuei minha caminhada mais motivado. Afinal, aquela dona tinha razão.

O DESAFIO DA CRÔNICA

Al Daniel Breithaupt FALOPPA



Estávamos aprendendo sobre crônicas no primeiro trimestre e, após muitas explicações e anotações, o professor decidiu passar a tarefa: tínhamos que escrever uma crônica.

Quando começamos a escrever, qualquer ideia possível saiu correndo da minha cabeça: eu estava sem criatividade. Mas, ainda havia esperança: e se eu fizesse uma crônica falando sobre a dificuldade em fazer crônicas?

Apesar de uma ideia tão simples, naquele momento ela valia como um diamante. E eu comecei a escrever, e também tentei pensar em como é difícil escrever uma crônica, desde saber as palavras certas para usar até ter um olhar reflexivo sobre as ações cotidianas, fazendo um texto rápido e de linguagem simples.

Eu não pensava em como cumprir todos os muitos requisitos para fazer uma crônica boa que surpreendesse o professor. Mas, quando comecei a escrever, eu não parei, eu tive tantas ideias que eu já havia pensado nas próximas mil palavras que eu poderia usar em minha crônica.

Fui escrevendo, mas então não tinha mais ideias como antes, estava feito uma pessoa no deserto buscando água. Tive, então, a ideia de terminar.



A ÚLTIMA PARTIDA

Al DANIEL Vitor Almeida



Era uma tarde de fim de semana, eu jogava videogame, e minha mãe já tinha falado duas vezes para eu ir ao banho.

Depois de implorar de joelhos, minha mãe me deixou jogar a última partida.

Como aquela era a saideira, eu tinha que dar a vida no jogo, mostrar que, se não fosse para jogar, eu nem jogava!

O jogo é dividido em duas equipes: uma atacante e uma defensora, ambas com onze jogares. O objetivo é capturar cinco bases para o time que ataca, e defender essas cinco para o time defensor.

A partida começa e eu escolho um personagem curandeiro, para dar suporte à equipe e curar meus curandeiros com vida baixa.

Após capturar a primeira base, indo para a segunda, escuto meus companheiros brigando muito no canal de voz. Agoniado com o bate-boca, interrompo e falo para todos se acalmarem e pedir desculpas um para o outro, reconhecendo que estavam errados. Depois do meu conselho, todos se deram bem novamente.

Aquela partida estava muito difícil, os adversários eram muito bons, todos estavam se comunicando muito bem, concentrados e dando o máximo de si! Nunca tinha encontrado um time tão bom quanto esse!

Passaram doze minutos e partida estava muito acirrada, nosso time já tinha capturado quatro bases, só faltava a última (a mais difícil).

No meio do tiroteio, começo a perder muita vida – a partida acabaria em quarenta segundos, eu já estava sem esperanças de ganhar – então, falo bem alto para meu time:

– Vamos, gente! Nós vamos conseguir!

Quase morrendo, recebo a cura de um companheiro. Para ajudá-lo, também o curo, e eu e todos do time atirávamos no time inimigo, criando uma barreira inquebrantável!

Faltando um segundo, nós capturamos o último ponto, ganhando aquela épica partida.

Enquanto todos comemoravam, eu pensava em como a colaboração e o trabalho em equipe de todos podem superar até os maiores problemas.



PÔR DO SOL

Al José Roberto Azevedo Homem DE MELLO Neto



Estava sem ideias de crônicas. Horas sem nada. Procurei no computador, li outras crônicas, assisti a vídeos, até que decidi desligar o computador e olhar a minha volta...

Antes que eu o fizesse, o Google me sugeriu uma imagem do pôr do Sol, fato que me fez lembrar de vários momentos da minha vida.

Quando estava na barriga da minha mãe, ela e meu pai fizeram uma viagem pelo Nordeste, onde visitaram os Lençóis maranhenses, entre outros lugares. Viagem que, doze anos depois, fizemos novamente, e visitamos lugares incríveis. Um deles foi os Lençóis maranhenses, onde assistimos ao pôr do Sol, igualmente, segundo eles, treze anos atrás.

Essa lembrança me fez refletir sobre a quantidade de momentos felizes, especiais e importantes que este fenômeno, muito presente em minha vida, proporcionou. Não só para mim, como para tantas outras pessoas, em diversas situações: pedidos de namoro, casamento, comemorações, entre outros.

Outro momento em família muito importante e agradável de ser lembrado, para mim, foi quando eu, meus primos, meus tios e tias, avós e meus pais visitamos o pico Agudo. Ali, pudemos não somente aproveitar este momento, como vimos dois homens pularem de parapente e o nascer da Lua, que, aliás, é incrível.

Como pode um algo tão simples para uns, complexo para outros, um fenômeno que divide a noite do dia, que renova o ciclo, para aqueles com pensamentos mais profundos, proporcionar momentos tão especiais?



O CONCERTO DA TORNEIRA

Al Beatriz Silva MUNIZ



Há alguns dias, estava na casa de minha vó, como de costume. Na sala estavam eu, minha vó, meu tio Felipe e minha tia Marcela. Eis que ele falou:

– Vou arrumar a torneira do banheiro.

Então, lembrei-me da torneira que estava com defeito. Lá foram ele e minha tia. Mais tarde, Felipe desceu as escadas megamolhado e dizendo:

– Encontramos um problema bemmm maior...

Minha vó subiu para ver o que havia acontecido, e fui junto. Quando chegamos, estava uma tremenda bagunça: minha tia também estava ensopada, com o banheiro alagado, sem pia, sem armário, apenas a bendita torneira. Desesperada, minha vó falou:

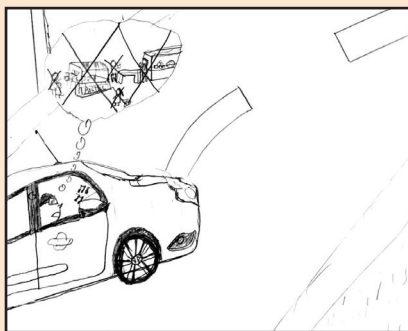
– Tá vendo, Felipe! Se nós tivéssemos resolvido isso antes de tomar essa proporção, não estaria esse caos! – o pior é que ela não estava exagerando.

Mais tarde, as coisas já estavam de volta ao normal, pois tínhamos chamado um encanador de última hora. Porém, eu não tirava as palavras de vovó da minha cabeça. Então, quando eu estava refletindo, percebi que o que minha vó havia dito servia tanto para os problemas da vida real, quanto para os problemas “sentimentais”. Por isso, sempre resolva as coisas antes que fiquem pior. E isso serve como uma lição de vida não apenas para uma torneira...



A FEIRA

Al Miguel Rodrigues HANCIO



Num sábado comum, meu pai me convidou para ir à feira. Normalmente, ele vai aos sábados para comprar seus ingredientes, pois, nesse dia, a feira sempre possui as verduras e frutas mais frescas.

Como um bom filho, aceitei essa proposta, sem nenhuma intenção de conseguir algum prêmio. Serviria apenas como uma ajuda extra de carregar as compras. Nem sempre meu pai recebe ajuda, pois faz as coisas sozinho. Mas, estou disposto a ajudar um familiar tão relevante para a minha própria vida.

Fomos de carro, isso realmente não importaria num contexto normal, mas, para mim, o carro é como se fosse um evento, algo que não acontece toda hora. Ver as ruas, as casas, e tudo passando por mim como uma brisa de mar, e o sol brilhante espalhando sua luminosidade sobre nós.

Passamos toda viagem ouvindo o rádio, meu pai ligou-o, a estação era sobre política. Não entendia coisa nenhuma sobre aquele assunto misterioso. Pedi a ele se poderia

trocar para outra estação, e ele aceitou. Trocou para uma estação de rock. Tudo coisa brega, mas ele aparecia gostar, então eu também pude aproveitar.

Chegando perto da feira, meu pai me avisa que se eu o ajudasse, ele me compraria um pastel. Educadamente, agradei-lhe pela ótima oferta. Pela minha gentileza em ajudá-lo, recebi minha recompensa digna de um grande ajudante: um delicioso pastel crocante e saboroso, um evento raro na minha vida. Estava teorizando que sabor eu escolheria. Seria de queijo? Carne? Talvez pudesse ir por uma rota diferente e escolher outro sabor? Todas essas questões voaram pela minha cabeça, estava num dilema que não possuía saída. Quem dera se eu pudesse antecipar o futuro, pois minhas expectativas foram partidas quando vi que a feira estava fechada. Ao pegar a rota de casa, meu pai fala:

– Poxa, filho, espero que você não fique chateado.

E eu argumentei:

– Não tenho motivos para ficar chateado, só sair de casa e andar de carro foi ótimo.

Ele faz um sorriso alegre que nunca vi ele fazer. Depois disso, vamos todo sábado passear de carro, não importa o clima, horário ou situação, nós sempre saímos felizes.



A DIREÇÃO DO VENTO

Al RHAÍSSA Lima WERNER



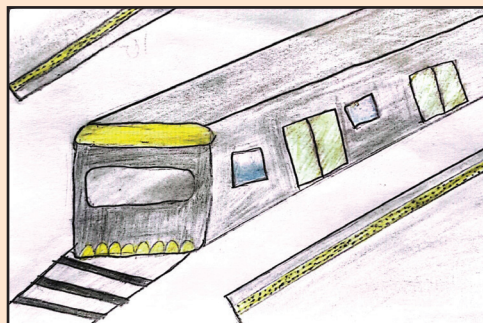
Todo dia, ao meio da tarde, chego em casa. No final da rua, ouço gritos cotidianos, em vozes finas, mas com alegria, vindos de crianças com muita energia. Na praça, um homem idoso, dormindo junto ao chão, mas com um olhar malicioso mirado para as crianças, com a sua garrafa vazia e aos cacos, como imagino sua vida naquele momento.

Na casa da frente, vejo um casal jovem, saudável e feliz, mas, com o passar dos dias, sirenes da polícia apareceram. Em compensação, logo na porta de casa, uma árvore ligada até os céus serve de lar ao casal de passarinhos que cria seus filhos na humilde casa feita de barro.

Dentro do meu lar, uma família como as outras a habita: às vezes, ela é como a vida dos passarinhos, em outro momento, o clima muda de repente, e a única coisa que faço é aceitar. E, no outro dia, talvez a direção do vento tenha mudado. O homem idoso poderia mudar o rumo da sua vida, o casal botar um fim nisso que chamam de “amor”, as crianças poderiam subir em árvores diferentes, os passarinhos poderiam ser assim para sempre, e eu...poderia parar de imaginar.

AMOR INCONDICIONAL

Al IGOR GARCIA Ferreira Fortes



Lá estava eu, vendo pessoas andando pela rua, muitas parecendo que tinham pedras em suas costas, todas cansadas e tristes, porém, eu não estava assim.

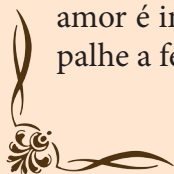
Eu encontraria aquela que faz meus dias mais claros, que faz meu coração se sentir mais leve, mesmo nós estando tão distantes.

E lá eu me via, esperando o metrô chegar, e a cada estação que passava, estava me sentindo mais e mais tenso, até finalmente chegar.

Depois de encontrá-la, eu não sentia mais minha tensão me dominar e, sim, uma felicidade. Vejo que, mesmo após tanto tempo conversando virtualmente, eu me sentia como se a conhecesse há anos.

Após muita diversão, senti uma fragilidade, pois estava na hora de ir embora. Fomos ao metrô, comprei a passagem e, na despedida, nos abraçamos. Foi um sentimento incrivelmente libertador.

Fui embora, sentindo como se nossos corações tivessem se sincronizado e, assim, eu percebi, que quando o amor é incondicional, não há distância ou tempo que atrapalhe a felicidade.



O BBB E UMA CRÔNICA

Al Bruno de Paula TRIANI



Dia desses, estava vendo TV Globo. Entediado, sem nada para fazer, resolvi assistir até mais tarde. Então, logo em seguida do jornal, veio o Big Brother Brasil (BBB).

Curiosamente, quando fui assistir, os participantes estavam brigando, e detalhe, era uma coisa muito boba, como quem quer sentar em uma cadeira, ou até quem almoça primeiro. Era um escândalo total, mas estranhamente, isso focava minha atenção.

Esse programa mais parece um zoológico de seres humanos, pois tudo que fazem é exposto para os telespectadores em busca de mais audiência.

Quando eu estava no banho, terminando de passar o sabonete no corpo, comecei a refletir sobre o assunto:

– É incrível como as pessoas gostam de ver o circo pegar fogo, principalmente quando a pessoa está numa situação pior que a sua.

Depois dessa reflexão, pensei:

– Isso daria uma bela crônica.

PIVA'S BAR

Al LUÍS FABIANO Alleva Silva



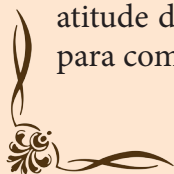
Certo dia, estava indo para o meu trabalho e passei por um bar famoso na região, que nunca havia reparado. Percebi, então, uma garçonete conversando com um garoto de rua como se fossem íntimos.

Não consegui deixar de reparar, fiquei a manhã inteira pensando neles. Na hora do almoço, não resisti e voltei lá e, com água na boca, experimentei a comida do restaurante.

Quando cheguei, esse mesmo menino estava na calçada pedindo esmola. Como eu tinha acabado de receber meu salário, não pude negar seu pedido e acabei dando um trocado a ele. Eu me senti muito triste quando vi aquele garoto que não teve muitas oportunidades.

A garçonete que estava conversando com ele no começo do dia animou-se ao vê-lo recebendo o dinheiro, não conseguiu se conter e chorou um rio de lágrimas.

Após isso, minha comida chegou, e eu voltei ao meu trabalho. No final do dia, voltando para a minha casa, avistei o menininho, com os olhos iguais a uma constelação, dividindo sua comida com seus irmãos. Achei muito bonita a atitude do garoto de juntar todo o dinheiro que conseguiu para comprar a janta dele e de sua família.

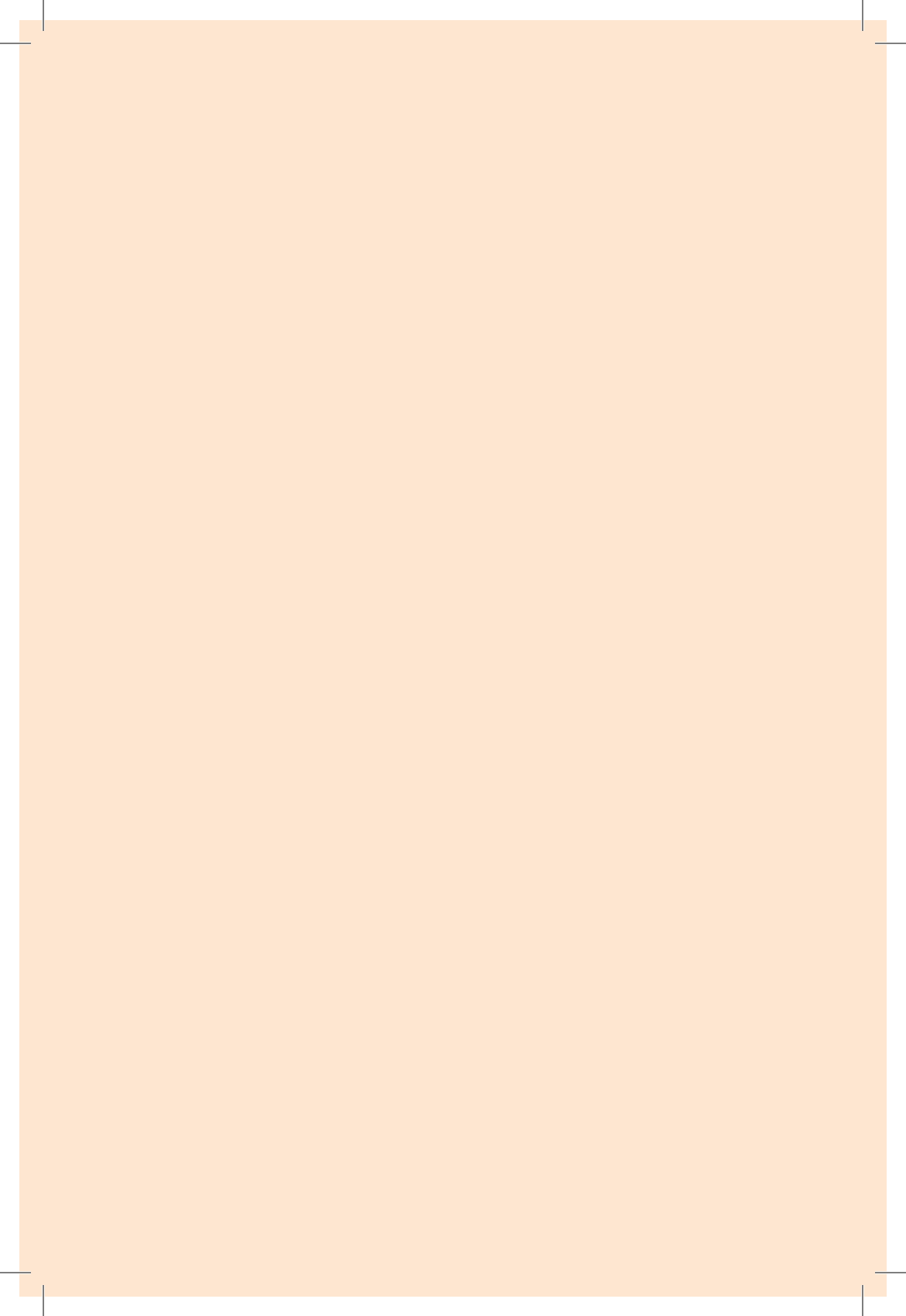


II



FRATURAS SOCIAIS

*Desigualdades, atitudes solidárias e superações...
O cronista reflete sobre valores humanos e
as contradições da cidade.*



UMA MÃE

Al RAFAEL Leandro de GODOY



Enquanto observava as ruas alegres de Perus, em meio às crianças brincando e os adultos bebendo, vi uma mãe amamentando seu bebê.

Ela estava agitada, como se esperasse algo ruim acontecer, mas não fazia nada para evitar. Depois de observá-la por um tempo, e nada acontecer, procurei, com um olhar atento e rápido, algo digno de virar uma crônica. Nada interessante, só mais uma noite na periferia.

A moça ainda estava lá, mas tinha um homem do lado dela. De início, achei que era da família dela, pois estava segurando o bebê. Logo, percebi que esse homem era mais que alguém da família: com este homem, a mulher estava calma e relaxada.

Então, surgiu uma pessoa aparentemente embriagada, que começou a discutir com aquela mulher, gritando para ela entrar em casa e ficar quieta. Perdi o casal de vista, mas, no dia seguinte, repetiu-se a mesma coisa, e foi isso por semanas.

E, toda vez, eu pensava em quantos crimes e abusos acontecem do nosso lado e nem percebemos, porque nosso ser é naturalmente egoísta e não olha para o outro até o pior acontecer.

COMPRAS

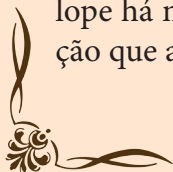
Al ANA BEATRIZ Cruz Galhardo

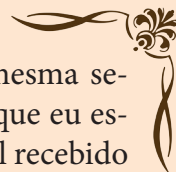


Em um sábado como os outros, fui a um mercado e, após fazer compras, sentei por um tempo em um banco perto do caixa. Percebi que a fila não andava há uma eternidade, então olhei para o caixa e lá havia uma senhora, com um vestido florido e cabelos brancos, que aparentava não ter muito dinheiro.

Ouvindo a conversa dela e da vendedora, descobri que a senhora, que se chamava Maria, queria fazer uma surpresa para a filha em seu aniversário de 28 anos: queria comprar um bolo, mas infelizmente não tinha dinheiro.

Um homem, que estava no mesmo banco que eu, viu aquela situação e resolveu ajudar a senhora, pagando suas compras e o bolo, que, aliás, estava bem caro. Ela ficou muito feliz, e antes de sair do mercado, o homem lhe deu um envelope e, dentro, estava escrito que ela também teria que ajudar alguém. Ele contou que havia recebido aquele envelope há muitos anos, pois havia passado pela mesma situação que aquela senhora.





Voltei outro dia àquele mercado, e aquela mesma senhora estava lá, agora sentada no mesmo banco que eu estava antes, com sua irmã, e ela contava que o papel recebido dias antes das mãos daquele senhor estava, antes, com sua filha, e foi ela quem entregou a ele há muitos anos.

As pessoas em volta nem perceberam o que havia acontecido, mas eu, que vi tudo, fiquei até mais feliz, vendo que ainda existem pessoas boas e que, às vezes, não damos valor às coisas mais simples, como fazer compras.

UM OLHAR ATENTO

Al Vinícius C. Gonçalo VICTOR



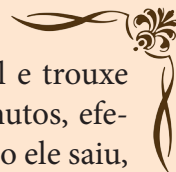
Era um dia qualquer, em uma cidade qualquer. Eu estava sem nada para fazer, então fui a um restaurante onde se encontravam pessoas de alta classe social, como duques e ministros.

Ao entrar, percebi que havia uma pessoa que aparentava ser pobre, em comparação às outras pessoas do recinto. Para não chamar atenção, ele escolheu uma mesa bem ao fundo do restaurante para não ser notado, mas a tentativa foi em vão. Logo, todos começaram a olhar para ele e cochiçar sobre sua vestimenta, relativamente simples, humilde e pobre.

Ele utilizava um terno e um chapéu – que cobria seus olhos e sobrancelhas. Logo, veio o garçom, com uma voz de riso, e lhe disse: “Olá, você gostaria de pedir qual prato”?

Sem demora, ele respondeu: um queijo pule, acompanhado de uvas Ruby Roman, o que daria mais ou menos 2 mil dólares aproximadamente. Todos ficaram espantados





pelo pedido. Então, o garçom retirou-se do local e trouxe o prato escolhido. Ele consumiu tudo em 30 minutos, efetuou o pagamento em espécie, retirou-se e, quando ele saiu, observei-o pela janela e vi que não se tratava de uma pessoa pobre, ou comum, mas, sim, de um famoso músico.

Fui ao seu encontro, para ver de perto, se realmente tratava-se de Michael Jackson, que me recebeu com sorriso no rosto. Fiquei meio tímido, meio sem graça, mas, mesmo assim, pedi-lhe um autógrafo. Para a minha surpresa, além de me entregar o seu autógrafo, convidou-me para assistir o seu show, que aconteceria em duas semanas.

REALIDADES DISTINTAS

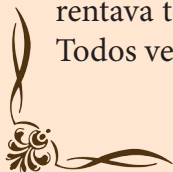
Al MARIA CLARA Bonato Marquez

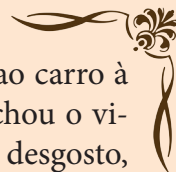


Era uma tarde de domingo. Violentos pingos de água que pareciam mais com cristais caíam sobre a Marginal Pinheiros, onde milhares de carros passavam pelo engarrafamento longo e estressante.

À minha direita, havia uma grande pilha de lixo e, perto dela, uma família composta por uma mãe e seus três filhos estavam protegendo-se da chuva. Estavam vestidos com roupas velhas, cheias de remendos, bem sujas e molhadas. A mãe, que vigiava seus filhos, retirava de sua sacola descartável uma caixa de balinhas ainda cheia e pretendia vendê-las debaixo daquela chuva enquanto suas crianças brincavam nas poças de água aguardando a mãe retornar.

À minha esquerda, avistei um carro luxuoso que parecia mais com uma nave espacial. Quem dirigia era um homem bem vestido que provavelmente era o motorista. O banco de trás do carro acomodava uma mulher que aparentava ter uns trinta e poucos anos e um casal de gêmeos. Todos vestidos com roupas muito elegantes e caras.





A mãe, vendendo balinhas, veio oferecê-las ao carro à minha esquerda, e a “madame” simplesmente fechou o vidro lentamente, lançando um olhar penetrante de desgosto, como se estivesse inferiorizando a pobre mulher.

Assim que vi a cena, percebi como a desigualdade é absurdamente horrível. A abundância de alguns recursos que são desigualmente distribuídos pode formar indivíduos esnobes e desrespeitosos. Apesar de uns terem condições melhores que a de outros, não significa que podem menosprezar os mais carentes. Aliás, não sabemos o dia de amanhã. Em um dia, podemos encontrar-nos no topo e, em outro, no fundo do poço.

PROSSEGUIR

AI LETÍCIA HELENA Pereira de Lima



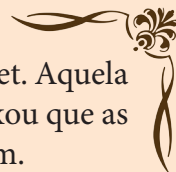
Entro na biblioteca como de costume, onde me refugio e viajo pelas mais belas poesias. É passeando por elas que consigo esquecer tudo e todos, e o quanto está sendo difícil prosseguir.

Observo, na mesa mais afastada do salão, uma garotinha. Suas vestes são simples, seus calçados, desgastados, seus materiais pareciam usado, mas ela não aparentava se importar com isso. Procurava com muita determinação algo nas enciclopédias e livros.

Enquanto a garota se dedicava tanto, algumas pessoas passavam por ela, entediadas, com a cara enfiada no celular, ou então, pesquisando nos notebooks de mais nova geração. Como pode haver uma diferença tão grande de pessoas em um ambiente tão pequeno?

Após observar por alguns minutos essa cena, decido ir até a garota e perguntá-la o que procurava com tanta veemência. A menina me disse que era um simples dever de





casa, e não tinha condições de pesquisar na internet. Aquela simples garota, com tão poucos recursos, não deixou que as situações e dificuldades que ela passava a parassem.

A partir daquele dia, passei a encarar as situações da minha vida como a garotinha. Mesmo que tudo ao meu redor me impeça de prosseguir, continuarei tentando até conseguir.

AMANHÃ INCERTO

Al Eros Oliveira FAGUNDES da Silva

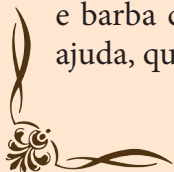


Em nossos caminhos, seja no conforto dos carros ou andando, muitas vezes vemos pessoas em situação de rua que são espectadores de sua miséria, tendo perdido esperanças. Alguns ainda enxergam suas metas em meio às suas situações difíceis tornando-se pedintes, procurando por ajuda.

Encontro um pedinte malvestido e magro com cabelos castanhos e grande barba ao andar pelas ruas, e me pergunto se ele vê em sua esmola uma luz, uma chance de redenção ou uma ponte corrompida para seus vícios. Também há os que enxergam sua sobrevivência buscando por água e alimentos. Mas, de qualquer maneira, eu lhe entreguei uma esmola esperando o melhor.

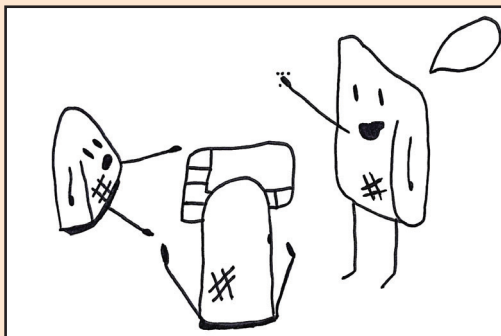
Imagino a dificuldade dessas pessoas para se reajustarem em uma sociedade que está sempre mudando, mas penso que, com estudo e dedicação, há sempre uma chance de reabilitação. Acredito que qualquer um pode alcançar sua meta, se tiver determinação.

Outro dia, encontro em um restaurante o mesmo pedinte de antes, agora bem nutrido, com boas vestimentas e barba curta. Isso me faz pensar que, com uma pequena ajuda, qualquer um pode subir na vida, ao se dedicar.



A VERDADEIRA FELICIDADE

Al Jorge Miguel KUDLOVICS



Voltava do trabalho resmungando no ônibus por não conseguir comprar a moto que queria, era a melhor, a mais legal, a top. Quando passava sobre o viaduto Bresser, deparei-me com uma situação um tanto inusitada: três mendigos, magérrimos, sujos e com as roupas rasgadas, porém contentes ao jogarem um jogo provavelmente inventado por eles.

Eram os mais felizes em meio à multidão de pessoas descontentes, que acham pouco o que têm. Será que nós não podemos ser felizes como três mendigos? Tal fato me impactou, desci do ônibus e fui em direção a eles – o cheiro forte era evidente –, mas persisti, e perguntei:

– Como vocês conseguem ser felizes com tão pouco?

Um deles tomou iniciativa e respondeu:

– Porque nós temos tudo o que é necessário para ser feliz.

Como um mendigo que não tem nada pode ter tudo para ser feliz? Intrigado, perguntei-lhe:

– E o que seria?

– A verdadeira riqueza não está nas coisas que você compra, mas nas coisas que conquista: amigos, família, respeito, entre outros.

Voltei para casa e pensei: como eu sou feliz.

A CONCEPÇÃO DA SOCIEDADE

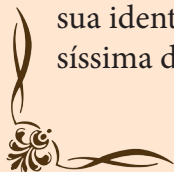
Al Maria EDUARDA Barros Ortenzia



Eu estava andando pelo shopping tentando me distrair e encontrar algo interessante para escrever no jornal do qual eu era recém-contratada. Quando me sento em um banco, em frente à joalheria, avisto uma senhora de vestes pobres entrar na loja. A vendedora tratou a senhora de meia idade como se ela não fosse nada e sempre perguntava se ela poderia pagar pelas coisas que ela pretendia levar.

A senhora, então, pede para ver somente mais uma joia, ela escolhe o colar mais caro que a loja fornecia, mas a vendedora não queria buscar a joia, a fim de poupar esforços, pois, em sua cabeça, aquela pobre senhora jamais poderia pagar por um colar daquele.

A senhora percebe o olhar de desdém e abre a bolsa, mostrando uma grande quantia de dinheiro em espécie. O tratamento que a senhora passou a receber após aquele momento tornou-se muito diferente do qual ela recebeu anteriormente. Depois de efetuar a compra, a senhora revelou a sua identidade, ela era na verdade dona de uma rede famosíssima de hotéis.





A senhora sai da joalheria e segue seu caminho... Trinta minutos depois, chegou uma moça jovem, que aparentava ser milionária, entra na mesma joalheria, e a tratavam muito bem. A mocinha escolheu a pulseira mais barata que a loja poderia fornecer e, quando ela foi pagar a joia, o cartão de crédito dela foi recusado. Então, ela teve que deixar a pulseira na loja, pois ela não tinha dinheiro suficiente para pagar e, novamente, a sociedade julgou o livro pela capa. De vez em quando, temos que abrir o livro e dar uma folheada para entender o seu conteúdo.

RIQUEZA E POBREZA

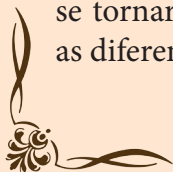
Al HERTON Pinto Souza Filho



Um dia desses, quando estava indo para a escola, logo no primeiro dia após as férias, vi dois colegas seguindo a mesma direção. Um deles ia com um carro muito grande e bonito, esportivo, dirigido por sua mãe. Ao sair do carro, uniforme muito bem passado (roupa bem desamassada por ferro de passar) e limpo. Já o outro subia a ladeira após sair da estação de metrô, desacompanhado, uniforme desorganizado, cabisbaixo.

Aquela cena me fez pensar: quais seriam suas diferenças? A humildade de um e o luxo que o outro tinha para desfrutar, com certeza. Porém, mais profundamente: o respeito. Aquele que tinha itens de valor o tinha, pelo menos nesse aspecto, mas e o outro? Respeitam suas diferenças? Sabem a tristeza extra que lhe causam por zombarem?

Aquele garoto não precisa de mais tristeza e ridicularização, e sim, apoio. Não deixe aquela cena de humilhação se tornar comum como tanto parece hoje em dia, respeite as diferenças.

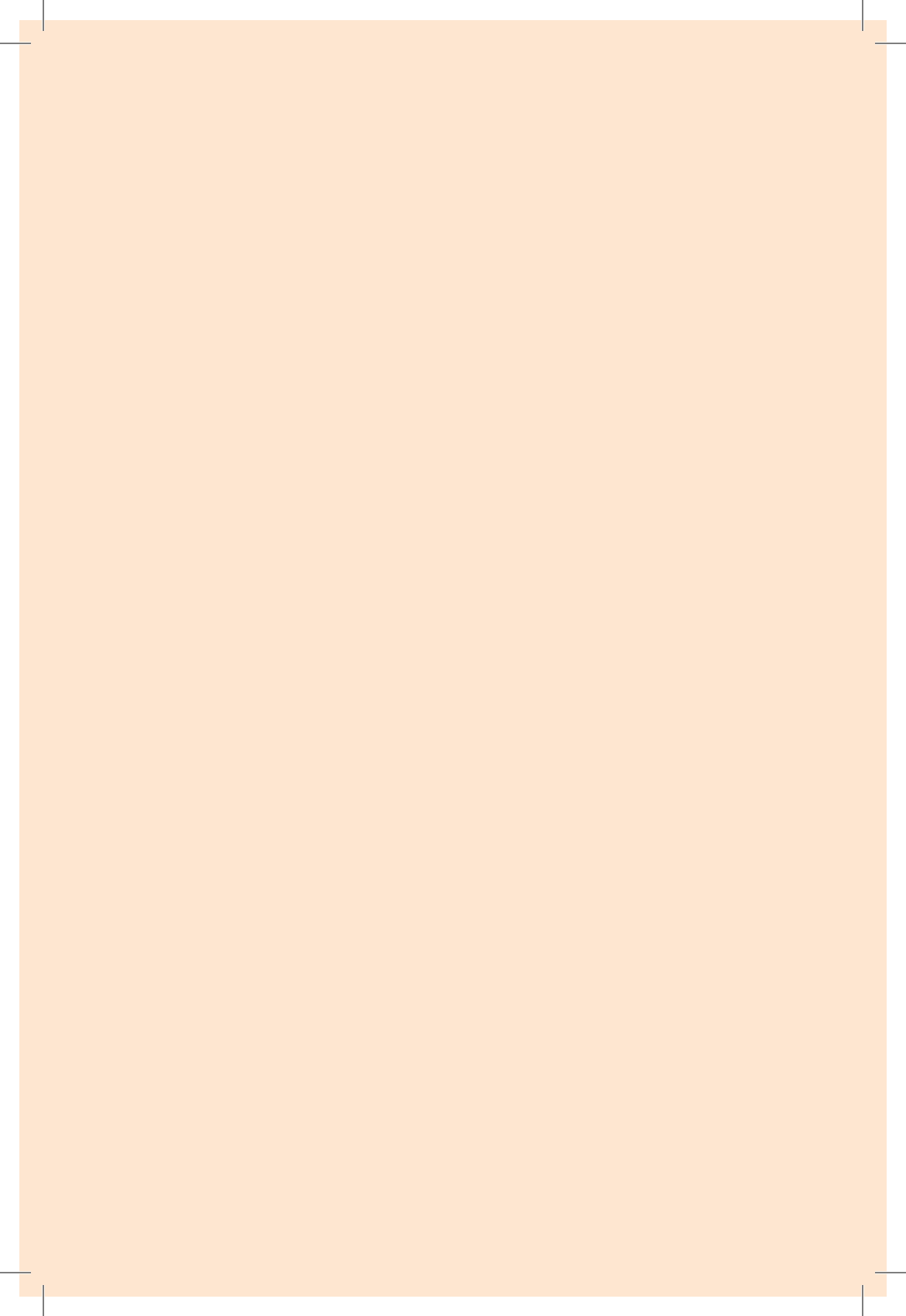


III



ILIMITADOS, COMO POUCOS

O caráter e a força de vontade como respostas à discriminação. O cronista aborda o desrespeito às diferenças e o poder ilimitado de cada indivíduo.



UM MENINO NORMAL

Al Rafael PAFFETTI Lima



Era só mais um dia normal em uma escola na Zona Norte de São Paulo, ou pelo menos era para ser. Afinal, era o primeiro dia de Rodolfo em sua nova escola. E como descrever Rodolfo? Sem dúvidas, era um garoto igual aos outros, jogava bola, assistia à TV e, assim como qualquer outra criança, estava ansioso pelo seu primeiro dia de aula.

Rodolfo estava muito orgulhoso de si mesmo, pois não atrasou sequer um minuto, chegou às redondas sete da manhã. Porém, uma coisa o incomodava, passava pelos corredores e recebia diversos olhares, alguns demonstravam dó, curiosidade, e outros demonstravam certa hostilidade. Estava muito intrigado, já que toda a hora chegava algum professor ou inspetor perguntando-lhe se precisava de ajuda com algo, e pensou: “provavelmente, devem estar preocupados, já que é meu primeiro dia aqui”.

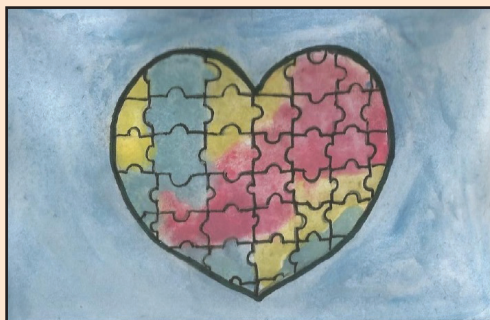
Após algumas aulas, chegou sua aula preferida, de educação física! E, para sua felicidade, a aula era futebol, seu esporte predileto. Apesar de ter sido um jogo muito disputado,

seu time ganhou de 2x0. No jogo, fez diversas amizades. No vestiário, estava o time de Rodolfo, comemorando a sua vitória e o time adversário que teve uma postura horrível. Rodolfo era um garoto especial e estavam intimidando-o por isso: “Você não tem um braço, nunca irá conseguir ser um jogador profissional!” Apesar das intimidações, ele não ficou triste, pois sabia que era um garoto normal, mas com uma característica diferente. O que nessa história fez Rodolfo parecer “estranho” ou diferente?



LYLI

Al KYARA de Lima Costa



Lyli vivia bem, era feliz. Tinha alguns problemas às vezes, como barulhos muito altos que a deixavam irritada, já que ficavam em sua cabeça. De vez em quando, ela alinhava as coisas da casa ou pulava na ponta dos pés quando estava feliz.

Sua mãe, sempre muito preocupada, gravava essas cenas. Quando Lyli ficava brava e batia nas coisas, sua mãe, sempre chorando, reclamava sobre um tal de autismo, mas a garotinha nunca soube o que era isso.

Lyli sofria bullying o tempo todo no colégio, mas não ligava para isso, até que um garoto a chamou de “débil mental”; ela lembrou de uma vez que lhe chamaram disso e sua mãe chorou o resto do dia e, com medo de isso acontecer novamente, Lily bateu no menino.

Quando sua mãe descobriu, ela chorou e pediu desculpas à filha.

Lyli respondeu:

– Não é sua culpa, não sei o que tenho de errado, mas não ligo para isso ou para o que os outros pensam. Você deveria fazer igual a mim, mamãe, porque eu sou feliz desse jeito, e quero que você seja feliz também.



UMA SIMPLES CADEIRA DE RODAS, UMA GRANDE LIÇÃO

Al YASMIM GARCIA de Matos



Chegou um aluno novo na escola hoje, um cadeirante. Ele era diferente, todos os outros alunos da sala o estranharam e o encararam. A maioria cochichava com o colega do lado sobre ele. “Por que ele está aqui”? “Quem o autorizou a entrar”? – eram algumas das perguntas.

O garoto era quieto. Escutava o que todos falavam, mas não ligava, pois já estava acostumado com essa estranheza dos outros. Mas, infelizmente, há pessoas que gostam de “diminuir” as pessoas. Ele era estudioso, prestava atenção nas aulas. Mas sempre escutando algo de “diminuidores de pessoas”. “Você não é nada!” “O que pode fazer”? “Nem ficar de pé consegue!” “O que faz agora, ‘rodinha’? Gostou do nome”?

Esses comentários nunca conseguiam deixar o menino triste. Ele tirava as melhores notas da sala e sempre estava disposto a ajudar os outros. Ele era uma pessoa que se

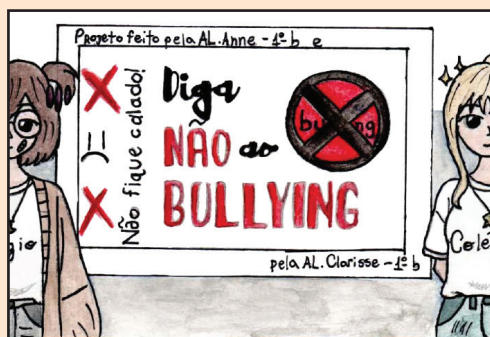
destacava, não por ser deficiente, mas, sim, por ser gentil, legal e principalmente, companheiro. Até que um dia, um dos “diminuidores de pessoas” chamou-o para conversar. “Melhor parar com esse jeito de ser legal com todo mundo. Eu era o melhor da turma, e não vou deixar um ‘rodinha’ tomar o meu lugar”.

O cadeirante agora entendeu porque recebia sempre essa implicância. Não era por ódio e, sim, por inveja e por medo de alguns de serem esquecidos. “Olha, se quer seu lugar de volta, que tal voltar a ser legal com todos? Que tal parar de diminuir as pessoas, e começar a ajudá-las? Que tal começar a crescer”? O cadeirante foi se afastando, indo embora. Antes, virou para trás e disse: “Ficarei feliz em ajudá-lo com isso.”



SEM MOTIVOS PARA RECLAMAR

Al Maria Clara Ferrari Dutton LINHARES



Era uma menina meio quieta, não falava nada, nem com ninguém. Não abria a boca para nada, muito menos para reclamar, aliás, reclamar para quê? E do quê? Ela sabia que os adultos não gostavam quando ela mentia e, aparentemente, mentia toda hora, e sempre a mesma mentira.

Então, ela começou a parar de mentir, pois os adultos, por mais que não acreditassem nas mentiras, viviam dizendo que era frescura, por isso ela se isolou. Ela não conseguia fazer muitos amigos, pelo fato de não conversar. Mas, às vezes, algumas garotas chegavam para conversar com ela, mas eram conversas estranhas, e, quando elas acabavam, as garotas saíam rindo. Um tempo se passou, e entrou uma garota nova na sua sala. Ela era bem diferente da menina quieta, falava com todo mundo e ria bastante também.

A garota nova veio falar com a menina quietinha, elas começaram a conversar, mas não eram conversas estranhas, eram conversas que a divertia, e enquanto elas conversavam aquela menina quieta não parecia a mesma, ela estava

falando e rindo com a garota. Elas viraram amigas, mas a menina quieta continuava a mesma longe da garota extrovertida, mas as duas se davam muito bem, e quando a menina se sentia sozinha a garota extrovertida estava lá com ela.

Meses depois as duas meninas já eram muito mais próximas do que antes, e a garota quieta (que não era mais tão quieta assim) percebeu que a garota extrovertida fez todas as mentiras e frescuras que ela dizia aos adultos irem embora, e que não precisava mais contar mentiras, ou muito menos reclamar.

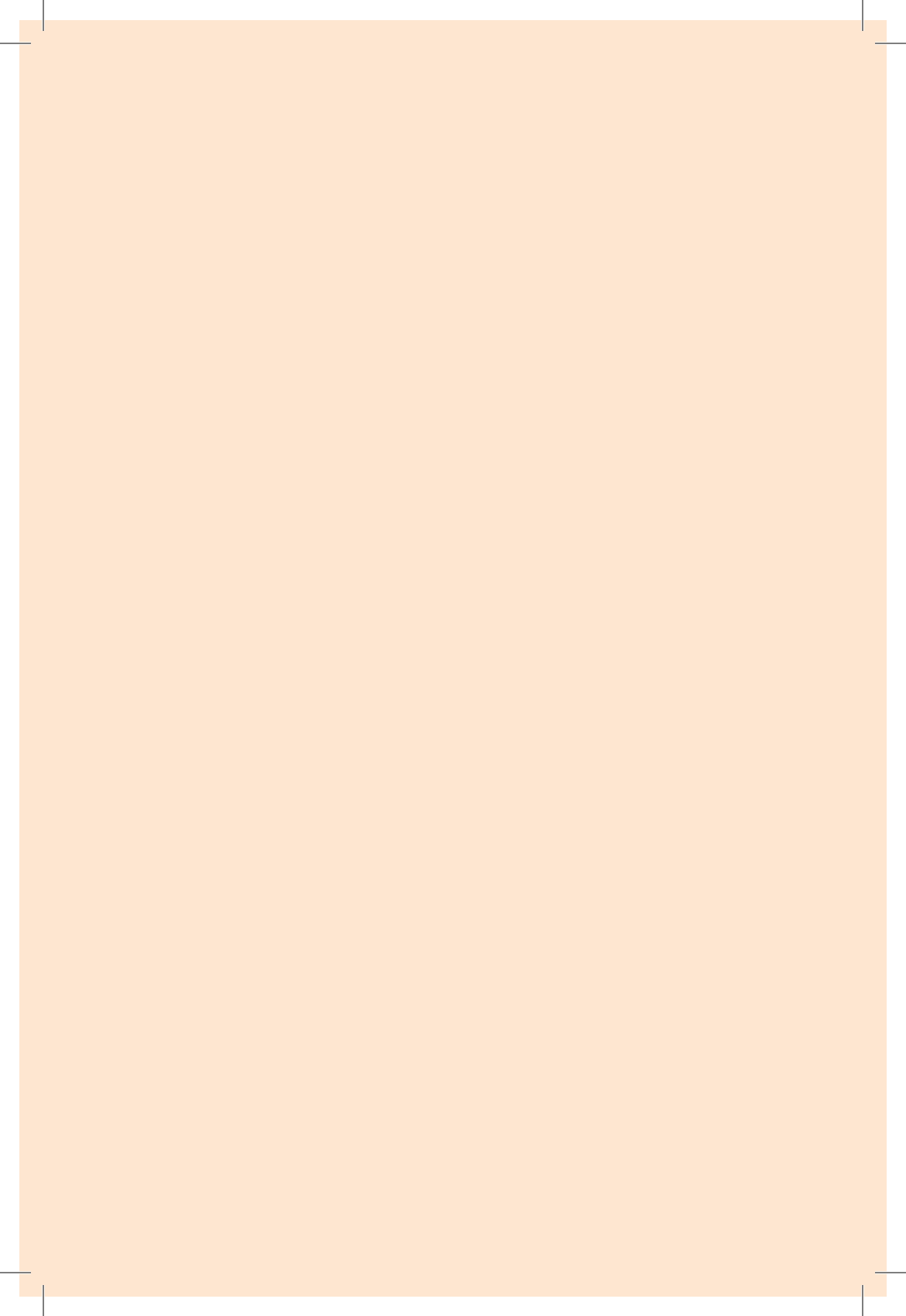


IV



A FORÇA DA VIDA

*O valor da saúde e os desafios da doença.
O cronista reflete ao ver a luta pela vida
nos corredores de hospitais.*



DIAS RUINS E DIAS BONS

Al PEDRO Henrique Moriani Lopes



Vejo várias pessoas seguindo com suas vidas sem reparar em coisas como o nascimento e a morte de pessoas. Crianças nascem chorando como se soubessem da tristeza e crueldade no coração das pessoas.

Fui ao hospital de minha cidade natal visitar um amigo de infância. Chegando lá, escuto o choro de recém-nascidos, duas gêmeas, prematuras e muito frágeis. Com o passar dos dias, continuei fazendo visitas e, no quarto dia, fiquei sabendo que uma das gêmeas havia falecido. Podia escutar o choro e sentir a profunda tristeza da mãe, que lamentava a perda como se não houvesse amanhã.

Poucos meses depois, a segunda gêmea faleceu. Seria impossível descrever o sentimento da mãe que acabava de perder suas filhas, sabendo que muitas genitoras que se dizem “mães” tratam seus filhos como lixo, enquanto ela mal teve a oportunidade de amar suas filhas.

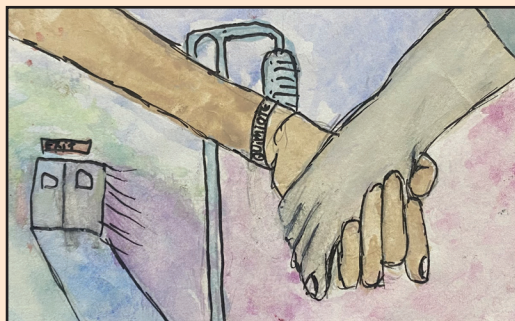
Alguns anos depois, encontro, na rua, a mulher que havia perdido suas filhas, acompanhada de uma linda mocinha e um garotinho de pouco menos de um ano de idade. Ela estava feliz e renovada com sua nova oportunidade, era nítida a felicidade por ter a companhia de seus filhos.

Por isso, digo-lhes: abrace, ame, diga “eu te amo”, antes que seja tarde demais, e o arrependimento caminhe com você pela eternidade.



ALA INFANTIL

Al SARAH MOURA de Souza Nóbrega



E lá estava eu pela terceira vez na fila da recepção do hospital na tentativa de conseguir marcar uma consulta com o médico. Enquanto esperava na longa e infinita espera por minha vez, notei uma mulher e seu filho se levantando de seu acento e indo em direção à ala infantil onde uma enfermeira aguardava por eles.

A ala infantil era um espaço aberto e dava perfeita visão da recepção. A enfermeira infantil usava um jaleco rosa bebê, com um estetoscópio todo enfeitado com adesivos infantis, ela recebeu a criança e a mãe com um sorriso no rosto, e os conduziu para sentarem em uma cadeira.

A criança, que parecia estar na casa de seus cinco anos, parecia estar totalmente ciente do que se passava na sala e do que vinha pela frente. Ela possuía uma faixa azul toda enfeitada com flores envolvendo sua cabeça, sua feição não expressava felicidade, era como se tivessem tirado o brinquedo favorito de suas mãos.

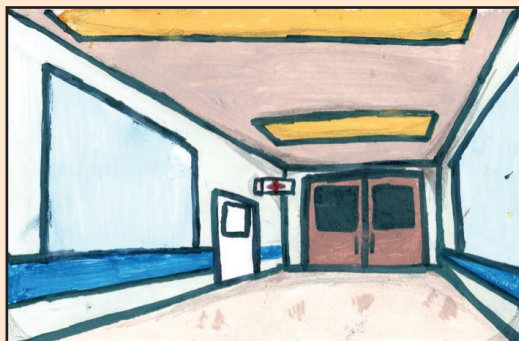
A mãe, por fim, não parecia nem um pouco preocupada. Ela se sentou na cadeira e colocou a filha em seu colo. Aquele parecia ser um processo de rotina para a mãe e a criança, já que sabiam o que fazer. A enfermeira, por sua vez, não deixou que aquele processo todo abalasse a criança: segurou sua mão e entreteve-a durante toda a quimioterapia. Não demorou muita para a menina cair nas suas graças e abrir um sorriso. Conforme o tempo ia passando, a enfermeira parecia se envolver cada vez mais com a garota e aquele demorado processo passou como mágica – piscou e já acabou.

Para a enfermeira, aquele pode ter sido mais um dia normal de trabalho, mas para a garota aquele foi com certeza seu sorriso mais sincero desde que o câncer chegou em sua vida. No final, a garota saiu do hospital com humor totalmente diferente do que chegou, e assim passou por mais um dia de luta na sua curta vida.



O HOSPITAL E A ESCOLHA

Al Richard Henrique LINS Santos



Durante um dia de trabalho na editora, comecei a me sentir mal. Era como se um monstro me atacasse por dentro de minha barriga, provavelmente a segunda fatia de bolo que decidi comer em meu café da manhã não tinha caído bem.

Após o mal estar se agravar, entrei em meu carro e fui rapidamente ao hospital, com a janela aberta, para que aquela brisa que vinha da rua sossegasse aquele incômodo.

Chegando lá, comecei a olhar o ambiente discretamente, enquanto esperava que a moça no balcão chamasse meu nome. Lá, olhei pessoas que mancavam, que andavam em cadeiras de rodas, que não tinham a visão, audição e outras mil e uma enfermidades.

Quando estava prestes a ser atendido, vi entrando discretamente uma mãe e seu filho, algo naqueles dois me chamava atenção, não sabia se era o cabelo raspado do garoto, o semblante melancólico, que mostravam que possivelmente passaria por uma quimioterapia.

Não sabia ao certo, e não tive muito tempo para pensar. Logo, fui atendido. Após minha consulta, decidi ficar de repouso em casa, ainda não me sentia completamente bem. Foi quando me lembrei daquele garoto, ele não queria estar lá, como as outras pessoas ali. Nem ele, nem ninguém ali havia escolhido como nascer – apenas acontece.

No dia seguinte, no trabalho, não conseguia tirar isso de minha cabeça, era como uma pulga que não saía. Enfim, com a tempo, a gente se acostuma com esse tipo de pensamento e o faz ser algo normal, e a gente decide guardar no fundo de nossa cabeça.

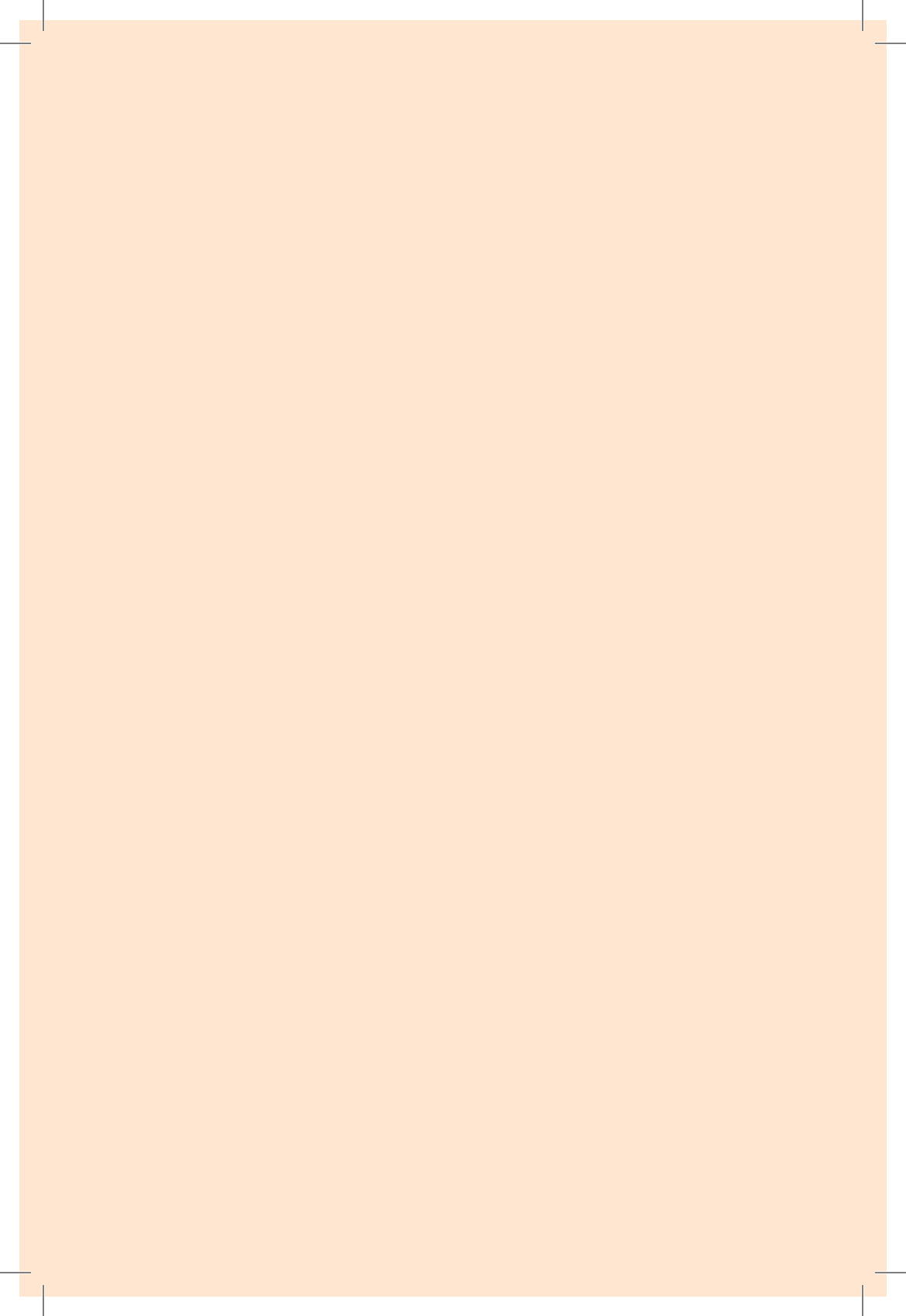


V



ROTINAS INVENTADAS

*Personagens fictícios, ambientes cotidianos.
A fantasia conduz o cronista a caminhos inesperados.*



ARREPENDIMENTOS

Al Paolla Beatriz SECUNDO Pontes Damasceno



“O ser humano só dá valor às pessoas quando elas se vão”

Estou na mesa da minha sala tomando café, preparando-me psicologicamente para mais um dia de trabalho. Meu marido, Rodrigo, prepara-se para citar suas frases que, normalmente, são dedicadas a mim, como: “Se cada pétala de flor for um sorriso teu, desejo ter um ramalhete”. Ou: “Eu não acreditava em amor à primeira vista, até te ver pela primeira vez”. Faço-me de difícil, soltando um: “Para de ser meloso, Rodrigo”. Mas ele sabe que me entrego facilmente em seus braços.

Lavo minha xícara e caminho até ele para lhe fazer um cafuné, mas não sinto seus cachos louros entre meus dedos, sinto apenas um vazio na cadeira que costumava se sentar, um vazio pequeno, comparado ao que habita meu coração. Não há mais nada em nosso apartamento, além de memórias e lágrimas escorrendo pelo meu rosto completamente

inchado de tanto chorar desesperadamente, numa expressão facial confusa e totalmente inconformada.

Hoje seria a primeira vez que eu o levaria para conhecer os céus, numa viagem de avião, mas o câncer levou antes. Vou indo para o meu trabalho, na esperança de voltar e meu amor estar me esperando no apartamento, com uma taça de vinho e a vitrola tocando “Married Life”. Mas, bem lá no fundo, sei que irei voltar e encontrar um vazio, o mesmo vazio que eu temia achar, que eu temia ter, e ainda temo, mas agora este vazio tomou conta de mim e do que há em volta.

Arrependo-me de tanta coisa, devia ter dispensado todas as horas extras que fiquei trabalhando, para passar mais tempo com Rodrigo, devia ter dito a verdade sobre as poesias que citava a mim, que elas faziam meu coração palpitar, e que eu me sentia a pessoa mais amada do mundo quando estava ao seu lado.

Saiba que meu coração não deixará de te pertencer. Sinto falta do teu abraço, sinto falta de tê-lo ao meu lado. Chegando no meu trabalho, digo em voz alta: “O amor da minha vida pode ter ido embora, mas o que sinto permanecerá pra sempre”!



AMOR DE MÃE

Al DANIELLA Campolino Vieira Silva



Estava passeando com meu cachorro na praça da cidade, triste, pois havia acabado de perder a minha mãe para o COVID-19, quando, de repente, começou a chover. Corria para casa, quando reparei em uma mãe e dois filhos, os dois corriam na chuva enquanto ela os observava com ternura, pareciam estar muito felizes. Suas vestes estavam sujas, porém, pareciam não se importar.

Eles pararam em frente a uma lojinha, a mãe contava as pouquíssimas moedas que possuía enquanto segurava um guarda-chuva quebrado e levemente entortado. Ela retira uma máscara descartável um pouco suja do bolso – e me lembro vagamente de minha mãe. Antes de entrar, ela ajeita as crianças – tratava-as com muito amor, exatamente igual à minha mãe.

Quando saíram, um dos filhos entrega algo para a mãe, que agradece com um beijo em sua testa. Aquilo deixou meu “coração quentinho”, senti como se a minha mãe estivesse comigo novamente.

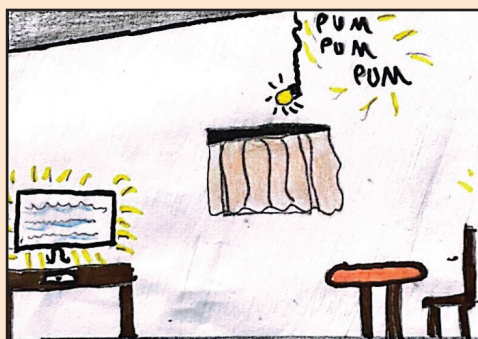
A mãe percebe meu olhar e abre um sorriso acolhedor. Senti um aperto no coração, uma vontade de chorar. Uma lágrima acaba escapando e escorre pela minha bochecha – devolvo o sorriso.

E assim eu queria que fosse minha primeira crônica: acolhedora como amor de mãe.



EM UM DIA SILENCIOSO

Al Daniel Borges MARIN



Em um dia silencioso, em pleno sábado, um homem estava sentado no sofá assistindo à TV. O clima estava nublado, às quatro da tarde, e o céu estava escuro, por conta das nuvens enegrecidas e com cara de tempestade no céu.

Esse homem estava em seu apartamento no sétimo andar, o apartamento iluminado somente pela luz da TV e raios solares que escapavam das nuvens pretas.

Então, esse homem escuta um barulho irritante de passos fortes como um elefante, e arrastos, como móveis pesados. Nesse momento, foi ver o que era, vai até a cozinha, pega uma faca, coloca por dentro de sua calça bem escondida.

Ele abre a porta como quem ainda está calmo, tranca sua porta por precaução, pega as escadas e vai até o seu vizinho de cima, e bate em MINHA porta: TOC-TOC-TOC!

NOTA: esse diário foi achado em um apartamento do oitavo andar, logo após o dono do apartamento e do diário desaparecerem misteriosamente.

Este livro, editado pela Editora Delicatta, teve seu miolo
impresso em papel offset 90g/m², capa em cartão 250g/m²,
composto nas fontes Minion Pro e Cinzel.